



Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa
Escola de Ciências Sociais e da Saúde
Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia

Figurabilidade: fundamentação teórica e função na clínica psicanalítica

Keyla Carolina Perim Vale

Orientador: Prof. Dr. Fábio Jesus Miranda

Goiânia, Março de 2018



Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa
Escola de Ciências Sociais e da Saúde
Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia

Figurabilidade: fundamentação teórica e função na clínica psicanalítica

Keyla Carolina Perim Vale

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Jesus Miranda

Goiânia, Março de 2018

V149f Vale, Keyla Carolina Perim
Figurabilidade : fundamentação teórica e função na
clínica psicanalítica/ Keyla Carolina Perim Vale.--
2019.

80 f.; il.

Texto em português com resumo em inglês

Dissertação (mestrado) -- Pontifícia Universidade
Católica de Goiás, Escola de Ciências Sociais e da
Saúde, Goiânia, 2019

Inclui referências f. 73-78.

1. Psicanálise. 2. Interpretação psicoanalítica. 3.
Alucinações e ilusões. 4. Telepatia. I.Miranda, Fábio
Jesus. II.Pontifícia Universidade Católica de Goiás
- Programa de Pós-Graduação em Psicologia - 2019.
III. Título.

CDU: Ed. 2007 -- 159.964.2

Ficha de Avaliação

Vale, K. C. P. (2018). Figurabilidade: fundamentação teórica e função na clínica psicanalítica. Orientador: Dr. Fábio Jesus Miranda.

Esta Dissertação foi submetida à banca examinadora:

Prof. Dr. Fábio Jesus Miranda
Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Presidente da banca

Profa. Dra. Mara Rúbia de Camargo Alves Orsini
Universidade Federal de Goiás

Profa. Dra. Vannuzia Leal Andrade Peres
Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Prof. Dr. Cristiano Coelho
Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Membro Suplente

“Penso que é perfeitamente lícito que o ser humano persiga o fio da meada de alguma hipótese até onde quer que seja, ou por simples curiosidade científica, ou no papel de advocatus diaboli, que nem por isso vendeu a alma ao diabo.”

(Freud, 1920)

AGRADECIMENTOS

Aos ventos:

pois, de tão suaves e leves, me trouxeram sacolas...

Aos seus-meus passarinhos:

porque, coloridos e cheios de asas, sopraram-me a cor amarelo-vida...

Ao risco azul-céu:

aquele mesmo do passo-telhado de um centro-cidade...

Ao seu sorriso:

aquele de canto-de-boca em dia de chuva...

Aos meus-seus mortos vivos:

aqueles que esconderam atrás da gaveta e dentro da janela...

À palavra-solta:

aquela que esqueci e não pude dizer, mas lembrei logo ali...

Ao nosso-nosso giz na carteira:

daquela madeira velha de um caminho-lágrima...

E, de tudo isso, o que me fica?

Quase nada... Só passei...

E enquanto ia: apreciava, esquecia e escrevia.

O que faltou?

Juntar tudo: um vento-passarinho-no risco azul céu-com sorriso-morto vivo-de palavra solta-de giz na carteira!

Obrigada.

Em especial aos que inventei: Mãe-passarinho, Lu-azul-céu, Héren-amiga-da-vida, Lia-surpresa-do-dia, Martha-sorriso-que-atraversa-o-vidro.

Aos que não inventei, mas que estão por aí sempre: Prof. Cristiano, Profa. Milca, Prof. Fábio, Prof. Sebastião.

RESUMO

Figurabilidade é um modo de comunicação mental que se origina pela relação intersubjetiva entre analista e analisando, em trabalho, no Campo psicanalítico. Considerada uma especificidade do funcionamento mental, torna-se alvo do pensamento podendo exercer uma função potencial e primordial no psiquismo. Apresenta-se repentina ou insistentemente, atrelada ao ritmo, em forma de imagens visuais ou sonoras, como *flashes* oníricos ou fixações em palavras. Tendo a força do impacto da percepção, refere-se, essencialmente, a conteúdos traumáticos ou não-representados no psiquismo do paciente. Pode ocorrer no analista, no analisando ou na dupla, em continuidade anímica. O objetivo deste trabalho é pesquisar como a figurabilidade tem sido estudada e definida, além de levantar quais as funções e implicações de seu uso no tratamento analítico. O método utilizado é o da Revisão Integrativa de literatura e tem como intuito buscar as bases teóricas fundamentais em autores fundantes do Campo psicanalítico, bem como a produção científica de pesquisas teóricas e empíricas de autores contemporâneos sobre o conceito de figurabilidade e sobre as implicações de seu uso na clínica da atualidade. Como resultados dos estudos da fundamentação teórica destacam-se: o trabalho do sonho em Freud, a “criança analítica” em Klein, o mundo relacional mãe-bebê em Winnicott e a *reverie* em Bion. Observam-se, nos autores contemporâneos, duas formas de desenvolvimento do conceito e da ocorrência da figurabilidade: uma pela forma do trabalho onírico (estado de regrediência), protagonizada por Botella e Botella e outra, pela forma da expressão (verbal/corporal), defendida primordialmente por Kahn. Embora diferentes essas duas formas são semelhantes, no sentido de que partiram do conceito originalmente freudiano e por se destinarem a um idêntico uso na técnica psicanalítica. Os exemplos clínicos ilustrativos encontrados na literatura apontam as implicações de seu uso como recurso técnico. Sua função na clínica psicanalítica possibilita uma maior abertura no processo analítico, indicando caminhos a seguir, favorecendo a progressão do tratamento e muitas vezes, sendo até mesmo o único meio de acesso ao psiquismo do paciente. Como resultado na clínica, observa-se um incremento na técnica psicanalítica pela co-participação do analista no processo relacional de intersubjetividades, bem como um incremento na técnica interpretativa em vista de uma re-construção da história do analisando.

Palavras-chave: Figurabilidade; clínica psicanalítica; *reverie*; regrediência; alucinatório.

ABSTRACT

Figurability is a mode of mental communication that originates from the intersubjective relationship between analyst and analyzing, in work, the psychoanalytic Field. Considered a specificity of mental functioning, it becomes the target of thought and can exert a potential and primordial function in the psyche. It presents itself suddenly or insistently, linked to the rhythm, in the form of visual or sonorous images, like dreamy flashes or fixations in words. Having the force of the impact of perception, it refers, essentially, to traumatic or unrepresented contents in the patient's psyche. It can occur in the analyst, in the analysand or in the pair, in psychic continuity. The objective of this work is to investigate how the figurability has been studied and defined, and inquire about the functions and implications of its use in the analytical treatment. The method used is that of the Integrative Review of Literature, whose purpose is to seek the fundamental theoretical bases in founding authors of the Psychoanalytical Field, as well as the scientific production of theoretical and empirical researches of contemporary authors on the concept of figurability and on the implications of its current clinical practice. As results of the theoretical foundation studies, the following are the work of the dream in Freud, the "analytic child" in Klein, the mother-baby relational world in Winnicott and the reverie in Bion. In contemporary authors, two forms of concept development and figurability occur: one by the form of dream work (state of regression), carried out by Botella and Botella, and other, by the form of expression (verbal/corporeal), defended primarily by Kahn. Although different, these two forms are similar, in the sense that they departed from the originally Freudian concept and for being destined to an identical use in the psychoanalytic technique. The illustrative clinical examples found in the literature point to the implications of its use as a technical resource. And its function in the psychoanalytic clinic allows a greater openness in the analytic process, indicating ways to follow, favoring the progression of the treatment and often, being even the only means of access to the patient's psyche. As a result, in the clinic, an increase in the psychoanalytic technique is observed by the analyst's co-participation in the relational process of intersubjectivities, as well as an increase in the interpretive technique in view of a re-construction of the analysand's history.

Keywords: Figurability; psychoanalytic clinic; *reverie*; regressive; alucinatory.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Artigos utilizados na pesquisa	30
Tabela 2 Síntese dos casos e implicações.....	62

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. FUNDAMENTOS TEÓRICOS	15
1.1 Freud: as raízes da figurabilidade	16
1.2 Melanie Klein e Winnicott: a gênese da figurabilidade.....	19
1.3 Bion e outros autores: as bases conceituais da figurabilidade	22
2. MÉTODO	28
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO	37
3.1. A figurabilidade na teoria psicanalítica	38
3.1.1. Figurabilidade: estudo e definição	39
3.1.2. A figurabilidade pela forma do trabalho onírico.....	43
3.1.3. A figurabilidade pela forma da expressão.....	46
3.2. A figurabilidade na clínica psicanalítica.....	50
3.2.1. Funcionamento psíquico	52
3.2.1.1 Regrediência e Alucinatório.....	53
3.2.2 Figurabilidade: funções e implicações na clínica.....	58
3.2.2.1 Exemplos modelos	59
3.2.2.2 Exemplos clínicos	62
3.3 Síntese do conhecimento	68
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
REFERÊNCIAS	74
ANEXO	80

INTRODUÇÃO

O desejo de estudar o fenômeno psíquico da figurabilidade deriva-se do experienciar na prática clínica psicanalítica da autora. A intensidade dos atendimentos – o contato quase diário com o paciente – fazia surgir na analista esse fenômeno que se impunha na sala de análise e pedia para ser investigado e compreendido. Daí nasceu a ideia deste trabalho: buscar uma teoria para entender esse campo sensorial que possibilite uma maior proximidade com aquilo que o analisando narra.

Necessário se faz, então, entender este campo sensorial da sessão analítica, em que se pode inserir a figurabilidade, que, aliada à técnica psicanalítica, se constituirá em recurso valioso para o processo analítico. A psicanálise é definida como um método de tratamento dos transtornos neuróticos baseado na investigação de processos mentais; é também um procedimento para a investigação de tais processos que, de outra forma, são praticamente inacessíveis (Freud, 1922/1996). Além disso, ela só se torna possível se puder contar com um analista em constante análise de seu inconsciente e, portanto, atento aos conteúdos inerentes ao inconsciente da pessoa que se propõe ser analisada.

O desenrolar da experiência psicanalítica no *setting* geralmente se dá por meio do processo de comunicação da linguagem falada (*talking cure*¹). Entretanto, muitas vezes o paciente, ao tentar apresentar algo que lhe causa angústia e grande sofrimento, luta com uma forma impossibilitada de expressão. Em suas investigações, a psicanálise mostrou que essa impossibilidade do paciente era devida a acontecimentos traumáticos que o conduziram a uma não-representação em seu funcionamento psíquico; ou seja, o trauma o impedia de ter uma nomeação e uma saída direta – e, talvez, menos defensiva – para tal acontecimento.

No processo analítico a intensa inter-relação de subjetividades pode propiciar o surgimento da figurabilidade. Trata-se de um fenômeno que surge em forma de imagens, sons e até sensações (olfativas, sinestésicas, etc.) ou mesmo como um pensamento que se incrusta de forma insistente, exercendo uma forte sensibilização na dupla psicanalítica (Botella & Botella, 2003). E mais, trata-se de um recurso ainda pouco explorado na clínica psicanalítica, já que exige a atenção constante do analista a esta mobilização que por muitas vezes se manifesta de maneira sutil, em si e no paciente.

¹ A sugestão do nome “*talking cure*” ou “cura pela fala” foi oferecida pela paciente de Breuer, Ana O., ao método apresentado por Breuer/Freud, em *Estudos sobre a histeria* (1895/1996).

É importante destacar que a investigação psicanalítica não está voltada apenas aos grandes acontecimentos da vida do paciente, mas aos fatos minúsculos que funcionam como veículos para a realização de desejos inconscientes. Dessa forma, o psicanalista opera com a suspeita, com o sentido que se oculta, dissimulado nos sonhos, nos sintomas e nas lacunas do discurso consciente (Garcia-Roza, 2008). Neste contexto, a figurabilidade está condicionada a uma disposição específica do analista e, para que ela aconteça, ele, além de estar atento, deve também considerar suas próprias sensações para conseguir acessar o mundo psíquico do paciente. Assim, a figurabilidade possibilita uma aproximação ao trauma e, mediante uma nomeação ou representação do mesmo pode favorecer o trabalho psicanalítico.

A figurabilidade a ser aqui pesquisada tem uma qualidade processual, ou seja, uma construção contínua de símbolos, podendo se manifestar de uma forma inesperada e não tendo, portanto, uma imagem acabada (Botella & Botella, 2003). Para entendê-la, deve-se ter em conta, primeiro, que se trata de uma construção mental², onírica, que pode surgir, como já foi mencionado, não só na mente do analista, como também na do paciente, ou seja, trata-se de um produto do Campo³ psicanalítico.

Para se ter clareza acerca do fenômeno, imaginamos uma sessão de análise em que o paciente tenta, mas não consegue, simbolizar em uma narrativa sequencial os fatos traumáticos que o marcaram. Ao analista, neste meio tempo de uma fala marcada pela impossibilidade de nomeação, pode acontecer⁴ uma imagem mental inesperada que, à primeira vista, parece ser descontextualizada da história do paciente. Essa imagem, apresentada pelo analista ao analisando, levaria a criar inscrições na capacidade psíquica do paciente, abrindo caminhos para uma possível simbolização do trauma vivido por ele e possibilitaria ao psicanalista o acesso a uma experiência do inconsciente do analisando.

Assim, tal fenômeno promoveria um caminho do inconsciente em direção a um processo de representação. Para Laplanche e Pontalis, a representação designa “aquilo

² A análise dos sonhos mostrou, conforme Freud (1900/1996), que as representações oníricas são inconscientes e insuscetíveis de se tornarem conscientes e são governadas por leis diferentes das que vigoram na consciência.

³ A palavra Campo está em caixa alta para sinalizar seu significado específico: “A estrutura analítica tem sua estrutura espacial e temporal, está orientada por linhas de força dinâmicas determinadas, tem suas leis evolutivas próprias, sua finalidade geral e suas finalidades momentâneas. Esse Campo é nosso objeto imediato e específico de observação”. (Baranger & Baranger, 2010, p. 188).

⁴ Esse “acontecer” refere-se ao trabalho de Freud *Formulações sobre os dois modos do funcionamento psíquico* (1911/1996), retraduzido diretamente do alemão tem como título: *Os dois modos do acontecer psíquico* (Hans, 2004).

que se representa, o que forma o conteúdo concreto em ato de pensamento e, em especial, a reprodução de uma percepção anterior” (1998, p. 448). Nesse sentido, as condições de representabilidade referem-se às formas de representação sobre as conexões entre pensamentos oníricos e aquilo que ocorre quando eles são transformados em um sonho. (Grotstein, 2017). Ou seja, o paciente estaria nomeando ou dando uma forma ao trauma vivido, acessando-o por meio da experiência vivida na análise, podendo expressá-lo para uma possível elaboração dentro do tratamento analítico.

Uma vez exposta a importância da figurabilidade no dispositivo psicanalítico atual, o que questionamos no desenvolvimento desta pesquisa é como a figurabilidade, em suas bases teóricas, tem sido estudada e definida pelos autores fundantes⁵ do Campo psicanalítico e quais as funções e implicações de sua prática no tratamento psicanalítico. Essa foi a questão problema que norteou este estudo.

Dessa forma, este trabalho foi organizado em quatro capítulos. O Capítulo 1 apresenta o percurso teórico fundamental para o desenvolvimento do conceito de figurabilidade; partindo de Freud, sistematizando-o em Melanie Klein (1946/1991) e Winnicott (1982) e chegando a Bion (1988) e outros autores. O Capítulo 2 apresenta os objetivos traçados e a metodologia percorrida para alcançá-los, evidenciando o uso da revisão integrativa da literatura. O Capítulo 3 traz os resultados e a discussão da pesquisa, apresentando os estudos e definições do conceito de figurabilidade; as formas de ocorrência, evidenciando elementos determinantes, como a regrediência e o alucinatório dentro do funcionamento psíquico; os exemplos clínicos modelos; as funções e implicações com a tabela de exemplos clínicos e, para o fim deste tópico, a síntese do conhecimento. Por fim, o Capítulo 4 apresenta as considerações finais do estudo.

Essa estrutura foi traçada a fim de atender a dois objetivos: apresentar os fundamentos teóricos para compreender o conceito de figurabilidade na teoria psicanalítica; e apreciar suas funções e as implicações de sua prática no tratamento analítico. Vale ressaltar que os caminhos escritos aqui, linhas à frente, procuraram não perder o fio condutor das associações livres e das interpretações dos autores fundantes da psicanálise, que iam se impondo ao ritmo do trabalho cotidiano. Assim, clínica e teoria se inter cruzaram, num movimento constante, num vai-e-vem de visões e revisões.

⁵ Utiliza-se o termo “fundantes” para os autores posteriores à Freud, na linhagem da escola inglesa.

Conforme mencionado, o método utilizado foi o da revisão integrativa, pois ele permite uma aliança entre a literatura teórica e empírica, exatamente como exige este trabalho. Acreditamos que, a fim de definir o conceito e de revisar teorias e evidências da figurabilidade na prática da psicanálise, o método integrativo é o mais apropriado porque ele gera uma perspectiva panorâmica acerca do fenômeno (Souza, Silva & Carvalho, 2010).

Dada a constatação de que a interpretação dos fenômenos psíquicos são, em sua grande parte, incognoscíveis por observação direta, o analista deve ser instado a ser coparticipante nesta relação de subjetividades dentro do processo analítico. A figurabilidade pode favorecer sobremaneira o desenvolvimento da técnica psicanalítica e contribuir para o crescimento do paciente. Daí a real necessidade dessa pesquisa. Assim, os resultados aqui levantados permitem ampliar o conhecimento do tema proposto, bem como possibilitar sua integração na prática profissional da clínica psicanalítica.

Passa-se, então, à investigação dos fundamentos teóricos, considerando as raízes do conceito de figurabilidade em Freud. Já a sistematização do conceito é atribuída, como se demonstrará adiante, a Melanie Klein e a Winnicott. Também será apresentado, no decorrer do trabalho, o desenvolvimento das bases conceituais por Bion e outros autores.

1. FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Antes da compreensão conceitual da figurabilidade e de seu papel na clínica psicanalítica, necessário se faz um aprofundamento em suas bases teóricas fundantes.

A figurabilidade, em seu vasto conjunto de elementos e enquanto processo inconsciente, não se enquadra em simplificações. Ela se origina a partir do trabalho consciente e inconsciente do analista com o paciente. Conforme é consenso na Psicanálise contemporânea, tal trabalho da dupla se desenvolve dentro de um contexto bipessoal intersubjetivo complexo, criado pelas duas subjetividades, ou seja, dentro de um Campo (Baranger & Baranger, 2010). Nesse sentido, a apresentação desses autores e o desenrolar da teoria psicanalítica – e por consequência da metapsicologia, explicada abaixo – têm importância fundamental e obrigatória para o curso deste trabalho.

Para isso, precisamos primeiro entender o ponto de partida. Freud (1933/1996), ao inventar a psicanálise, procurou atender aos rigores da ciência de sua época e a definiu como um método de tratamento psíquico que possui uma empiria derivada da clínica. Para tanto, formulou uma explicação econômica e dinâmica fundada sobre a interação de forças psíquicas (Freud 1933/1996). Assim, a psicanálise foi estruturada por dois modos de teorização diferentes: uma teoria empírica e outra especulativa. A primeira correspondia à sua psicologia dos fatos clínicos (fatos empíricos). A segunda correspondia aos conceitos que não eram descritivos e estavam além, ou ultrapassavam, a primeira e que foi denominada de metapsicologia.

A Metapsicologia de Freud (1914-1917) era um constructo para conectar as descrições dos fatos e uma orientação-guia para procurar novos dados, ou seja, não era, nem fornecia explicações, apenas estabelecia uma direção para a busca das explicações factuais (empíricas) sobre os fenômenos psíquicos. Freud reconhecia a possibilidade e a necessidade de mudar os conceitos de sua metapsicologia, desde que os fatos assim o exigissem, conduzindo-os a uma reorganização e reagrupamento; mais ainda, enfatizou que, ao mudar a orientação que guiava a pesquisa, novos fatos poderiam ser observados.

Muitos representantes da psicanálise pós-Freud, como Green e Fédida, apresentaram esta mesma opinião ao afirmarem que a metapsicologia é necessária, ainda que seu conteúdo possa ser substituível. Fédida (1996), por exemplo, reconhecendo o caráter especulativo da metapsicologia, considerava ser impossível uma psicanálise sem suas ficções básicas. Green (1995), mesmo considerando as insuficiências e as inadequações da teoria metapsicológica, considerava que, até aquele

momento (meados dos anos noventa), nada suficientemente convincente foi proposto para substituí-la, e, por isso, achava melhor revisita-la e desenvolvê-la.

Nesse sentido, vemos que dentro do arcabouço especulativo da investigação psicanalítica, situa-se o conceito de figurabilidade. Diatkine (2001) considerou que figurabilidade envolve *darstellung* (representação) e *barkeit* (capacidade), mas nada na palavra alemã implica a ideia de "figura". Botella e Botella (2003) concordaram sobre este ponto: "figurabilidade" nasceu de uma escolha da tradução de Denise Berger, que preferiu a "aptidão para a figuração", proposta por Ignace Meyerson, quando traduziram o livro dos sonhos de Freud para o francês (no ano de 1967). Na realidade, "figurabilidade", conforme Botella e Botella (2003), é um conceito novo, com nomenclatura próxima de conceitos analíticos atuais, mas atrelada a ideias anteriores.

Para as bases teóricas do desenvolvimento de figurabilidade, foram considerados autores que trouxeram contribuições incisivas. Partiu-se de Freud, o inventor da psicanálise, que apresentou, dentre outras coisas, a técnica da atenção flutuante do analista. Em seguida, são discutidos os trabalhos de Klein e Winnicott que abriram o viés do estudo para o campo relacional no qual as sensações e o funcionamento do pensamento do analista podem ser considerados no trabalho de análise. Já Bion trouxe uma inovação à técnica psicanalítica e nos apresentou a *reverie*. E outros autores, citados neste trabalho, em diálogo com Bion, trouxeram suas contribuições.

1.1 Freud: as raízes da figurabilidade

O conceito de figurabilidade não foi desenvolvido diretamente por Freud (1900/1996), mas o autor se aproximou muito dele quando, no interior de sua obra *A Interpretação dos Sonhos*, trabalhou a questão da representabilidade. Para esta ideia, em suas investigações, Freud demonstrou que os sonhos tinham um significado e que era possível um procedimento científico para interpretá-los. Para ele, o objetivo primeiro do trabalho dos sonhos seria provocar uma deformação do conteúdo latente para que o desejo recalcado pudesse permanecer incognoscível à consciência.

Assim, para os estudos psicanalíticos, a figurabilidade pode ser encontrada a partir do que Freud (1900/1996) chamou de "trabalho onírico". O autor afirma que o trabalho onírico consiste em alguns mecanismos fundamentais: (a) condensação; (b) deslocamento; (c) elaboração secundária e (d) considerações de representabilidade. A condensação diz respeito à multiplicidade de associações possíveis a cada

individualidade. O deslocamento caracteriza-se pela possibilidade de uma representação passar a outras representações pouco intensas, ligadas à primeira por uma cadeia associativa (Laplanche & Pontalis, 1998). Já a elaboração secundária designa uma remodelação do sonho destinada a apresentá-lo sob a forma de uma história compreensível (Laplanche & Pontalis, 1998). E as condições de representabilidade referem-se às formas de representação sobre as conexões entre pensamentos oníricos e aquilo que ocorre quando eles são transformados em um sonho. (Grotstein, 2017, p. 373).

Enquanto mecanismo psíquico, como a condensação, o deslocamento e a elaboração secundária, a figurabilidade é oriunda de uma exigência psíquica fundamental.⁶ Nos sonhos, a exigência psíquica é a manutenção do recalçamento,⁷ daí a existência da censura que coloca em ação os mecanismos do trabalho dos sonhos. Já na figurabilidade, a exigência é de transformação de um material heterogêneo preexistente num outro material, o visual endoperceptivo.

Pensando assim, Freud (1900/1996) descreveu a forma pela qual a regressão dos resíduos pré-conscientes do dia ocorria na formação de sonhos. Nesse processo, os pensamentos eram transformados em imagens, principalmente de natureza visual, isto é, as apresentações da palavra eram levadas de volta às apresentações da coisa que lhes correspondiam, como se, em geral, o processo fosse dominado por considerações de representabilidade ou figurabilidade (Diatkine, 2001). Nesse sentido, a energia psíquica é fundamentalmente diferente por se tratar de um material que já existia e que não provocaria desprazer a outras exigências. A figurabilidade emerge de um inconsciente, sem necessariamente se utilizar da censura, para possibilitar uma nomeação que antes era tida como não representável.

Dessa forma, o mecanismo da consideração à representabilidade (figurabilidade) compreende um processo por meio do qual o significado é apreendido, construído e transformado em elemento expressivo não-discursivo, com base na representação por imagens. Nesse processo, transformam-se e criam-se novos símbolos, ampliando a

⁶ Os três mecanismos foram desenvolvidos longamente e voltaram constantemente nos escritos de Freud, adquirindo a nobreza dos conceitos de base. A figurabilidade, por outro lado, quando de suas raras evocações, teve lugar somente em alguns comentários. Foi citada pelo autor em 1917 como sendo “sob o ponto de vista psicológico” um dos quatro fatores que fazem parte do trabalho do sonho; seu estudo é bem sucinto. (Freud 1900/1996).

⁷ Conforme Laplanche e Pontalis (1998) o recalçamento, ou a sua manutenção, “é uma operação pela qual o sujeito procura repelir no inconsciente representações ligadas a uma pulsão. O recalque produz-se nos casos em que a satisfação de uma pulsão ameaçaria provocar desprazer relativamente a outras exigências” (p. 430).

capacidade pessoal do sujeito de pensar sobre os significados das próprias experiências emocionais e de suas relações com o mundo.

Percebemos, portanto, que a questão da representação em Freud (1915/1996) assume uma significação original e própria. Em sua produção teórica desde o início, em especial em seu trabalho sobre as afasias em 1891,⁸ Freud elabora o conceito de *Vorstellung*,⁹ fundamental no corpo da metapsicologia. É importante ressaltar que o aparelho de linguagem construído por Freud é capaz de dar significado e produzir um efeito no sujeito e por isso pode ser considerado uma primeira concepção freudiana do psiquismo. (Macedo, Werlang & Dockhorn, 2008). Foi só a partir da associação que Freud fez da linguagem ligada ao funcionamento psíquico que os sonhos, juntamente com seus mecanismos, e posteriormente a figurabilidade, puderam ser pensados e teorizados. Se o que nos acontece durante o sono diz de nosso funcionamento psíquico, então esse material deve ser considerado e associado ao cotidiano dos pacientes no processo de análise.

Em sua obra *A Interpretação dos sonhos* Freud (1900/1996) passa a se referir à representação-coisa e à representação-palavra. Mas é em outro trabalho publicado anos mais tarde, nomeado *O inconsciente* (Freud, 1915/1996), que ele explicita esse conceito que se aproxima da Figurabilidade, que é o da ‘Representação coisa’ em que ele afirma:

Em representação da coisa, que consiste no investimento, se não das imagens mnemônicas diretas das coisas, ao menos de traços mnemônicos mais distantes e delas derivados. Acreditamos saber agora como uma representação consciente se distingue de uma inconsciente. As duas não são, como achávamos, diferentes registros do mesmo conteúdo em diferentes locais psíquicos, e tampouco diferentes condições funcionais de investimento no mesmo local — a representação consciente abrange a representação da coisa mais a da palavra correspondente, e a inconsciente é apenas a representação da coisa (p. 106).

Essa representação é complexa, pois é formada a partir de associações de objeto e o que é representado não é um objeto, mas sim, uma série de associações. Nesse modelo freudiano, a palavra corresponde a uma associação entre representações-coisa e

⁸ No trabalho sobre as afasias de 1891 de Freud, há uma proposta de uma nova concepção de afasias, por meio da ilustração de casos já existentes. Ele destacou que o funcionamento da linguagem se encontra intrinsecamente ligado ao funcionamento psíquico.

⁹ Termo utilizado por Freud que indica o suporte que representa a pulsão na esfera consciente (Macedo, Werlang & Dockhorn, 2008).

representação-palavra, daí surge o estudo da figurabilidade (Macedo, Werlang & Dockhorn, 2008). Os textos sobre metapsicologia fornecem as articulações necessárias para ampliar a questão da representação e, ao trabalhá-la, Freud abriu espaço para analisar o que escapava à cadeia simbólica. É nesse ponto que se pode considerar a figurabilidade, pois o que escapa ao processo simbólico pode ter um caráter ativo na vida psíquica do sujeito (Freud 1900/1996).

Por fim, cabe ressaltar que a noção freudiana de figurabilidade tem caráter intersubjetivo por visar o outro (esse outro podendo ser o próprio sujeito que figura) e significa “colocar diante dos olhos, mostrar publicamente, constituir, colocar em forma sensorialmente apreensível”. Em *Totem e Tabu*, Freud (1913/1996) compara a figurabilidade com o brincar das crianças, que articula a magia nos homens primitivos. A vontade, impulso motor, no primitivo adulto é empregada para figurar a satisfação de desejos podendo vivenciá-la mediante alucinações motrizes. No jogo das crianças se revela a técnica da satisfação puramente sensorial. Tanto o jogo das crianças quanto a figuração imitativa do primitivo são consequências do valor que outorgam ao desejo. A similitude com o desejado obriga o primitivo a produzir-se.

Tendo sido o trabalho do sonho uma engrenagem que impulsionou a teoria freudiana, durante sua autoanálise, ancorada na análise de seus próprios sonhos, Freud se dedicou à busca de um método para o tratamento da neurose. Em seu texto *Estudos sobre a Histeria*, Freud (1895/1996) introduziu, como método clínico da psicanálise, a “associação livre” e a “atenção flutuante”. A associação livre se refere ao paciente, que exprime indiscriminadamente todos os pensamentos de forma espontânea, e a atenção flutuante se refere ao analista que deve escutar o analisando sem privilegiar a priori qualquer elemento do discurso do mesmo (Laplanche & Pontalis, 1998). É uma espécie de jogo em que ambos os interlocutores se organizam em busca de um consenso ou uma organização, sempre questionando a respeito do avesso do que foi dito. Em suma, trata-se de uma técnica que se caracteriza por abertura, co-construção e participação, elementos estes, constituintes das raízes da figurabilidade.

1.2 Melanie Klein e Winnicott: a gênese da figurabilidade

O conceito de figurabilidade foi se construindo, na trajetória técnica da psicanálise, a partir de pequenas modificações com relação às primeiras proposições de Sigmund Freud (proposições essas atreladas ao universo do sonho, como vimos). Dessa

forma, além das contribuições de Freud, que foram retomadas e aprofundadas pelos outros autores analisados, torna-se necessário ainda explorar as importantes contribuições de Melanie Klein e Winnicott na gênese do conceito de figurabilidade.

O sistema inconsciente que serviu de partida para Klein está dentro do modelo dos analistas ortodoxos durante a predominância do modelo topográfico de Freud (Grotstein, 2017). Klein (1946/1991) permaneceu fiel ao inconsciente não reprimido de Freud¹⁰ e, por isso, elaborou os mecanismos esquizóides – como a cisão, identificação projetiva, idealização e negação mágica onipotente –, conceitos fundantes de sua teoria. Portanto, os analistas kleinianos (e também os winnicottianos, como veremos) tentam uma escuta *de-dentro* do inconsciente, no pré-consciente, abaixo da superfície da resistência, para detectar a ansiedade. A diferença, apontada por Grotstein (2017), entre Freud e Klein é que o primeiro observa o inconsciente do ponto de vista da consciência, enquanto Klein observa a realidade consciente a partir do vértice da realidade inconsciente.

O que parece ser o ponto central para a teoria de Klein (1946/1991) e que aponta para o processo da figurabilidade, foi a consideração inédita da presença potencial de uma “criança analítica” dentro do analisando. É ela o “administrador subjetivo da agonia ou da angústia” (Grotstein, 2003), eterna criança que funciona como um juiz silencioso, análoga ao id, sujeito inconsciente que é o aspecto mais vulnerável e sensível do self. Sua presença deve ser intuída e apontada pelo analista para que o analisando consiga representá-la (Grotstein, 2017).

Ainda conforme Grotstein (2017), a criança analítica de Klein – e o bebê que está dentro da criança e dentro do adulto – seria uma forma de se designar o aspecto mais abstrato, irreduzível e elementar, que habita nas profundezas da psique dos indivíduos de qualquer idade. Esse seria, portanto, o “ponto de partida” e a “estaca zero” da experiência ontológica e fenomenológica.

Tais pontos são importantes à figurabilidade – e foram aqui retomados – porque eles indicam uma diferença fundamental nas abordagens de Freud e Klein. Se, nos princípios da psicanálise, Freud se atentava a relatos mais descritivos dos sonhos, a contribuição de Klein (1946/1991) procura associar o id à criança analítica. Assim, saiu-se da questão meramente atinente ao Campo de descrição pelo paciente e foi-se a uma área em que a inventividade *a dois* – vinda da criança do analisando, intuída e apontada

¹⁰ A ideia de inconsciente não reprimido, refere-se ao conceito de recalque originário em Freud.

pelo analista – era considerada. E era justamente esse ponto – o da criança e da relação mãe/bebê – que permitia à dupla considerar, como fundamentais nas sessões, as imagens e as sensações que vinham à tona de forma aparentemente casual.

Para que esse fenômeno, da criança analítica, possa ser compreendido, vale estudar a importância da imagem (representação). Nesse sentido, Klein (1946/1991) considera que, quando o indivíduo projeta, ele projeta para dentro do objeto, considerado teoricamente aqui como uma representação mental que o indivíduo pode fazer de um objeto externo. Dessa forma, é crucial entender a diferença técnica entre a concepção freudiana e a abordagem kleiniana. O desenvolvimento de sua teoria aproximou a psicanálise do tema da figurabilidade e possibilitou o despertar do interesse de vários psicanalistas, isso mais de um século depois das primeiras descrições freudianas dos sonhos.

Já Winnicott (1982), em decorrência de suas atividades clínicas de pediatria, abriu uma nova perspectiva para a atividade clínica, ao mesmo tempo em que considerou, em respeito à individualidade e singularidade de cada criança, os ritmos e as peculiaridades de cada uma. A partir desta perspectiva, a atividade de brincar, dentro do consultório de psicanálise, passou a se constituir como um modelo de tratamento sugerido pelo autor.

O tratamento psíquico, seja pelo método psicanalítico, seja por outros métodos psicoterápicos, “se efetua na sobre-posição de duas áreas do brincar, a do paciente e a do terapeuta” (Winnicott *apud* Fulgêncio, 2008). Apesar de Klein compreender o brincar infantil e a ideia da criança analítica, Winnicott foi enfático para esclarecer que o tratamento analítico corresponde a uma maneira de “brincar juntos”.

Winnicott (1982) defende também, em sua versão da identificação projetiva, a criação do objeto subjetivo, que ocorre no espaço potencial, ou seja, um espaço existente entre o bebê e sua mãe, que é a base subjetiva da construção de uma interação da dupla e a área fundante do self do bebê. Já Grotstein (2017), por sua vez, não acredita ser possível projetar para dentro de outro indivíduo, apenas projetar sobre a imagem que se tem de determinado indivíduo. Para o autor, só podemos conhecer o objeto por meio de nossa experiência fenomenológica dele.

Essas abordagens (Klein, Winnicott) abriram caminho para a consideração não somente do observável no paciente. Muito mais do que isso, ao se considerar o Campo do espaço-potencial (relação mãe-bebê; criança do analisando/percepção dela pelo psicanalista), abriu-se a trajetória da psicanálise ao processo relacional. As relações

intersubjetivas (mãe-bebê) trouxeram à tona alguns elementos importantes que são utilizados na figurabilidade como, por exemplo, o funcionamento do pensamento do analista. Ao se abrir o viés de estudo para o Campo relacional (analista-analisando), as sensações do psicanalista dentro da sessão puderam ser utilizadas como material profícuo no desenvolvimento do trabalho da análise (Grotstein, 2017). Assim sendo, somente após essa abertura para o *sonho-a-dois* (muito mais do que para o relato descritivo do sonho do analisando e somente dele), houve a possibilidade de ocorrência/consideração da figurabilidade.

O entendimento do percurso teórico e técnico da psicanálise levou à percepção de que a figurabilidade é de natureza complexa. Como se viu, seus mecanismos e funcionamentos estão intrinsecamente associados ao que estes autores pensaram. Foi somente a partir da abertura, provocada por eles, para o espaço relacional, que é por si potencial, que o analista, e a figurabilidade advinda dele, puderam ser alvo de pensamento.

1.3 Bion e outros autores: as bases conceituais da figurabilidade

Na continuidade das reflexões, traçadas à psicanálise, Bion foi um autor pós-freudiano que, em suas contribuições, também configura peça importante para a construção do entendimento da figurabilidade. Bion (1988) – e os pós-freudianos que seguiram sua linha de pensamento – não se ocupou diretamente com trabalhos sobre técnica. Ele propôs grandes modificações no modelo clássico de observação psicanalítica, especialmente na interpretação dos sonhos, considerando, ao mesmo tempo, o sonho e o sonhador que sonha o sonho (Grotstein, 2003). Para ele, o analista entra em cena não mais como um decodificador da vida mental do paciente, mas contribui com sua própria vida mental para os movimentos que ocorrem na sessão. Então, para o “sonhar”, Bion (1988) afirma que é necessário haver na personalidade do indivíduo a função alfa,¹¹ que é capaz de processar as impressões sensoriais internas e externas de maneira total, transformando-as em elementos alfa¹² com aptidão para serem utilizados em pensamentos inconscientes de vigília e em pensamentos oníricos.

¹¹ Função alfa é um modelo hipotético responsável por “tornar possível a comunicação intrapessoal e interpessoal; facilitar transformações; criar uma barreira de contato entre inconsciente e consciente” (Grotstein, 2017, p. 381).

¹² Elementos alfa são definidos: “como um modelo abstrato que se tornam adequados para serem utilizados como elementos oníricos, memórias, pensamentos ou sentimentos” (Grotstein, 2017, p. 380).

Com isso, Bion (1988) parte para a elaboração e estruturação da sua teoria sobre o processo de pensar, ou seja, sobre o aparelho para pensar os pensamentos. Este seria um modelo espectral, não linear, mas estrutural do pensamento. Pensar, para o autor, não é produto da maturação do ego, de acordo com a teoria biológica; ao contrário, surge com a experiência e com o aprendizado do inesperado, do surpreendente e do novo.

Pensando desta forma, o analista não se deixa engolfar pelos elementos projetados e pode nomeá-los, simbolizá-los. Essa simbolização permite que tais elementos entrem na rede simbólica que constitui o pensamento, possibilitando o desenvolvimento na capacidade de pensar (Cassorla, 2003).

Bion (1988) demonstra um novo modelo para a interpretação dos sonhos: quando um indivíduo tem uma experiência emocional durante o sonho ou na vigília e pela função alfa, ele consegue convertê-la em elementos alfa, podem esses permanecer no inconsciente para serem utilizados como elementos oníricos, memórias, pensamentos, sentimentos e reforços para a barreira de contato analista/analizando. A vivência do indivíduo (paciente) ao descrever tal experiência emocional por meio de uma narrativa, transmitindo-a a outro indivíduo (analista), é recebida e transformada em outra narrativa, com significado emocional para ambos.

Nesse sentido, Bion (1988) construiu um conceito básico para o desenvolvimento da figurabilidade, elegendo o termo francês *reverie* com o significado de devanear, ou seja, sonhar acordado. Assim, a *reverie* é um produto de inteligência, sensibilidade e capacidade de observação. E mais, talvez uma disposição tomada pelo analista em seu trabalho, para considerar o seu devaneio (sonho), ancorado nos *restos diurnos* (do analisando), como caminho real para o inconsciente. O trabalho analítico, nesta construção, baseia-se muito na utilização da *reverie* do analista, na sua acolhida, no metabolizar e transformar as angústias do paciente, no tornar pensáveis as ansiedades, as angústias anteriormente impensáveis, não representáveis.

Esse foi um avanço central que deve ser precisado neste trabalho: quanto à função do analista, um passo a mais foi dado por Bion (1988) em relação à atenção flutuante de Freud. Para ele o analista deve estar em um estado de não memória, não desejo e sem intenção de compreender (termos escritos por Bion e ainda embasados em Freud), e ainda mais, é preciso entrar em um estado constitutivo – é preciso devanear (sonhar acordado) e, muito além disso, é preciso *valorizar* o que foi sonhado como material produzido na “interlocução” analista-analizando.

Ogden, em diálogo com Bion, afirma sobre a experiência de *reverie*:

Na sessão analítica, fiz uso de um conjunto de *reveries* que a princípio estavam apenas subliminarmente disponíveis para mim (mais em forma de sensações que de pensamentos). Não tratei minhas *reveries* nem como distrações do ‘verdadeiro/real’ trabalho de análise, nem como pacotes de puro significado inconsciente. Mais significativamente, tratei minhas experiências de *reverie* como um método indireto (associativo) de falar comigo mesmo sobre o que estava ocorrendo inconscientemente entre mim e o analisando (Ogden *apud* Barros, 2007, p. 41).

Para tanto, Ogden (2013), no seu livro *Reverie e Interpretação*, provoca e estimula os analistas a direcionarem a atenção flutuante para sua própria mente à procura de suas *reveries* durante a sessão analítica. Caso a permeabilidade ao mundo interno do analista esteja em boas condições, poder-se-á perceber o sonho na sessão. Pensando assim, o analista, com essa disposição, pode se colocar em um outro modo de pensar: um lugar em que o psicanalista se considera em suas próprias produções mentais.

Nessa vertente da psicanálise, vê-se que os analistas podem usar como termômetro os próprios sentimentos, questionando a função de determinada fala, desprezando, por vezes, apenas a interpretação do conteúdo da mesma, optando por interpretar o seu papel dentro da situação transferencial (Mota, 2017). Nesse contexto, surgem estudos como o de Meltzer (1967), que, seguindo a linha bioniana aqui explicitada, faz uma revisão do processo psicanalítico, tendo em vista as mudanças mais recentes na técnica e teoria psicanalítica. Sobre esse autor, Ferro, Botella, Parsons e Ogden (2007, 2008) explicam:

No que diz respeito à sua utilização na sessão de análise, Meltzer faz da *reverie*, antes de tudo, um ato pré-consciente praticado voluntariamente como uma resposta do analista à escuta do sonho do paciente, o que equivalerá a *re-sonhar o sonho* a fim de ter acesso, segundo ele, a uma melhor compreensão do paciente (p. 158).

Assim, com base neste autor, compara-se a leitura de um sonho à montagem de um filme por um cineasta. É o que fazem os estudiosos Meltzer (1983), Ferro e outros

(2007, 2008) e Grotstein (2017). Para eles, o analisando seria o diretor filmando muitas cenas emocionais e o analista seria o montador – dando às mesmas cenas um sentido, uma ordem. Porém, o analista não se limita à montagem, pois ele introduz imagens que se ativam na sua *reverie*, induzidas pela comunicação do sonho, numa escuta sem memória e sem desejo, numa posição altamente receptiva e ressoante, de tal modo que dentro dele se ativem fantasias, lembranças e, sobretudo, novas imagens. De modo que sua figurabilidade possa, desta feita, ser considerada como crucial ao desenvolvimento da sessão.

Para Civitarese (2015), do ponto de vista de uma teoria pós-freudiana do Campo analítico e ainda seguindo uma concepção bioniana, a *reverie* do analista pode gradualmente levar também à figurabilidade no paciente. E, “quanto mais sensorial for a qualidade desta *reverie*, maior será o grau de pensabilidade alcançado pelo paciente em relação aos traumas originários¹³ em estágios não verbais” (p. 218).

Reverie, para Civitarese (2015), é onde a análise ocorre. Então, muito mais do que exigir simplesmente uma interpretação do analista acerca dos relatos do paciente, a análise exige a *reverie*. Ela é útil para o processo, pois ela pode refletir a elaboração interna, e muitas vezes silenciosa e espontânea, da emoção projetada do paciente e a própria emoção do analista. Complementa essa ideia Rocha Barros (2015):

O analista, ao fazer suas interpretações, não apenas desvela algo oculto, mas, ao dar visibilidade às representações mentais de situações emocionais, rearticula significações de planos simbólicos distintos, abrindo novas possibilidades vivenciais, criando novos significados, que ampliam o desenvolvimento psíquico (p. 43).

Conforme Cassorla (2016), essa situação analítica se constitui num sonho-a-dois. Primeiramente, o analista se deixa tomar pelo sonho do paciente e o ressonha. Esse novo sonho é contado ao paciente através de intervenções. Quando elas se conectam à rede simbólica do paciente, este ressonha o sonho do analista. E assim por diante. Para esse modelo, existem as construções teóricas de Ogden, que afirma que os sonhos-a-

¹³ Conforme Moreno e Coelho Júnior (2012) a ideia de traumas originários nos remete ao trabalho que o trauma demanda que, assim como a pulsão, é um trabalho de captura do pulsional, um trabalho de ligação. Decorre daí a possibilidade de pensar que existe uma potencialidade traumática, uma zona de não-representação, na raiz da pulsão.

dois mantêm relação dialética com os sonhos de cada membro da dupla. Nesse sentido, analista e analisando assumem uma postura ativa dentro do processo analítico.

Nas palavras de Meltzer (1983) o que acontece é que o analista escuta o paciente e observa a imagem que surge na sua própria mente enquanto psicanalista. Poder-se-ia, portanto, dizer que o paciente evoca um sonho em si mesmo, mas que este sonho, certamente, se referirá também ao analista e estará influenciado pelas vicissitudes da própria personalidade deste.

Desse ponto de vista, poder-se-ia imaginar que toda tentativa de formular uma interpretação de um sonho de um paciente implicaria no seguinte preâmbulo:

Enquanto ouvia seu sonho, tive um sonho na minha vida emocional que significaria o seguinte – algo que desejaria compartilhar com você com a esperança que lance alguma luz sobre o significado que o sonho teve para você (Cassorla, 2016, p. 30).

Para Grotstein (2010) o analista é chamado, provocado ou instado a responder às emoções e às associações do analisando com suas próprias emoções pessoais. Afinal, só se consegue experimentar o outro, nesse caso o paciente, a partir de um si mesmo. Para tanto, o analista, em contato com os derivados de seu pensamento onírico, observa as imagens visuais que passam por sua mente e, através de sua função alfa, conceito proposto por Bion, faz com que emoções e experiências próprias ressoem a verdade emocional do paciente, localizada e reunida inconscientemente, indicando como senso ou sentido comum, a verdade clínica do momento. E assim, o paciente, ao ressonhar o sonho contado pelo analista, mostra-lhe o efeito do seu trabalho. Portanto, analista e paciente, ao mesmo tempo, sonham e são sonhados.

Assim, Bion (1988) e os outros autores citados neste tópico (e que estão em diálogo com ele) apresentam a transformação dos pensamentos em sonho, num funcionamento diurno, nesse estado de devaneio. Porém, é necessário ressaltar que a ideia de transformação bioniana não tem tanto o objetivo de resolver um conflito intrapsíquico, mas ela é uma espécie de façanha lingüística, que busca uma colocação

do relato em um incognoscível.¹⁴ E, em alguma medida, isso se diferencia do trabalho da figurabilidade, pois o autor desconsidera a participação do impulso do inconsciente.

Entretanto, embora não se possa dizer que Bion tenha abordado a figurabilidade enquanto fenômeno, vale dizer que a capacidade transformacional do psiquismo – teorizada por esse autor – pode tentar explicá-la, se se considerar tais transformações e *reveries* para o acesso ao inconsciente e ao desejo infantil recalcado, a partir de um estado de regrediência. Portanto, a *reverie* está posta em cena pela entrada em jogo do incognoscível e, vale reiterar, é a partir das *reveries* que se propicia a figurabilidade.

A partir das bases teóricas fundamentais e do modo como o conceito de figurabilidade foi se inserindo na teoria psicanalítica, prossegue-se para a apresentação do método da pesquisa.

¹⁴ Conforme Grotstein (2017), incognoscível ou *O* para Bion é o pseudônimo obscuro do autor para coisa-em-si, números, formas ideais, caos, infinito, deidade. Está associado às formas ideais de Platão, aos números de Kant, ao caos e à absoluta indivisibilidade ou simetria de Matte Blanco.

2. MÉTODO

Com o intuito de evidenciar as bases teóricas do trabalho da figurabilidade e seus elementos estruturantes, bem como o de discutir quais as implicações de sua prática no tratamento psicanalítico, o método utilizado para a realização desta pesquisa foi o método da Revisão Integrativa de literatura. Para Fernandes (2000), a revisão integrativa permite a construção de uma análise ampla da literatura. Isso porque esse método tem em seu cerne um movimento que objetiva reunir, aplicar e avaliar os melhores resultados de pesquisa (Ercole, Melo & Alcoforado, 2014). Para Souza, Silva e Carvalho (2010), a revisão integrativa é também importante pois combina dados da literatura teórica e empírica, permitindo uma melhor compreensão do fenômeno analisado. Entre os propósitos de se fazer uma revisão integrativa, que usaremos como norteadores da pesquisa, estão: a definição dos conceitos, a revisão de teorias e evidências e a análise de problemas metodológicos deste tópico em questão.

Para isso, dependemos de seis etapas, que definem a revisão integrativa: (1) Identificação do tema e seleção da questão de pesquisa, (2) Estabelecimento de critérios para a busca na literatura, (3) Definição das informações a serem extraídas dos estudos selecionados, (4) Avaliação dos estudos escolhidos, (5) Interpretação dos resultados e (6) Apresentação da síntese/revisão do conhecimento (Ercole, Melo & Alcoforado, 2014).

Tendo como tema “Figurabilidade”, duas questões orientaram o estudo: Como a figurabilidade foi estudada e definida pelos autores fundantes do Campo psicanalítico? e Quais as funções e implicações de seu uso no tratamento psicanalítico evidenciadas nos artigos analisados?

Nesse sentido, a pesquisa contemplou a busca de artigos nas bases eletrônicas e de acesso aberto Index Psicologia, Scielo, Medline, Lilacs, Pepsic, BVS, utilizando-se a palavra-chave (descriptor) “figurabilidade”, bem como suas variantes em inglês e francês. Outras bases de dados utilizadas foram: *Revue Française de Psychanalyse*, *Revista Brasileira de Psicanálise*, *Livro Anual de Psicanálise* e *Revista de Psicanálise de Porto Alegre*.

Como critérios de inclusão para realizar o levantamento dos estudos, selecionamos as produções na forma de “estudo empírico”, “artigo científico” e livros no contexto da psicanálise (somente para a seção dos autores fundantes). Os mesmos podiam ter sido publicados em periódicos nacionais e internacionais, nos idiomas

português, inglês e francês, estando disponíveis *online* e na íntegra. Não foi delimitada data de publicação específica para a pesquisa. Como critérios de exclusão, desconsideramos os estudos repetidos em diferentes bases de dados e livros, capítulos de livros, monografias e dissertações/teses.

Para as bases teóricas, a partir da busca pelo descritor “figurabilidade”, a amostra foi composta por textos fundamentais das obras de Freud e autores da escola inglesa de psicanálise, tais como: Freud (1900, 1912, 1913, 1915, 1918, 1933, 1937/1996), Melanie Klein (1946/1991), Winnicott (1982) Bion (1988), Grotstein (2003, 2010, 2017), Meltzer (1967, 1983), Green (1995, 1996, 2001), Rocha Barros (2007, 2015) e outros. Em especial, para as publicações contemporâneas, a análise dos artigos estabeleceu duas categorias mais amplas, a saber: 1) Figurabilidade: estudo e conceituação; 2) Figurabilidade na clínica psicanalítica. Para estas, trinta e quatro estudos foram acessados e, após se aplicarem os critérios de inclusão e exclusão, a amostra final resultou num total de dez artigos.

A seleção dos artigos foi realizada em dois momentos: o primeiro deles ocorreu ao longo do ano de 2016 e o segundo realizou-se no mês de dezembro de 2017. Devido à constatação inicial da exiguidade do material disponível sobre o tema proposto, apenas dez artigos, percebemos que era necessária a atualização da pesquisa, a partir de um levantamento de artigos em revistas especializadas de psicanálise, textos esses não publicados em portais e bases de dados *online*. Neste segundo momento, foram encontrados dezenove artigos na *Revue Française de Psychanalyse*, dois artigos na Revista Brasileira de Psicanálise, um artigo no Livro Anual de Psicanálise e um artigo na Revista de Psicanálise de Porto Alegre. Assim, a amostra final foi composta por trinta e três artigos.

Do total de trinta e quatro artigos encontrados nas bases eletrônicas e de acesso aberto, apenas dez se enquadraram nos critérios de inclusão. Outros vinte e três artigos foram encontrados em revistas especializadas de psicanálise. Os estudos selecionados que continham o descritor “figurabilidade” e conceituações que se relacionavam, foram lidos integralmente, seguidos por fichamentos com breves sínteses para o futuro desenvolvimento do trabalho. Abaixo são apresentados os trinta e três artigos que compõem a amostra da pesquisa.

Tabela 1

Artigos utilizados na pesquisa

	Autor (es) Título do artigo	Periódicos	Método	Objetivos	Ano de publicação
01	Ayouch, T. Genealogia da intersubjetividade e figurabilidade do afeto: Winnicott e Merleau-Ponty	Psicologia USP	Estudo teórico com exemplo clínico	Demonstrar que tanto a fenomenologia de Merleau-Ponty quanto a psicanálise de Winnicott revelam um ato psíquico específico próprio à intersubjetividade e à figuração do afeto e que o trabalho analítico consiste em encaminhar o paciente a uma figurabilidade.	2012
02	Botella, C. e Botella, S. Figurabilidade e Regrediência	Revista de psicanálise de Porto Alegre	Estudo teórico com exemplo clínico	Demonstrar, pelo estudo da regrediência, que a inteligibilidade numa sessão se estende ao endoperceptivo figurável. Sendo a regrediência tanto um estado psíquico quanto um movimento em devir, ela pode ampliar as possibilidades psíquicas e favorecer o tratamento analítico pelo trabalho da figurabilidade.	2003
03	Botella, C. César Botella – Entrevista	Revista Brasileira de Psicanálise	Qualitativo	Apresentar as novas perspectivas teóricas pelo desenvolvimento de uma concepção ampliada e original do funcionamento psíquico, particularmente deficiências dos sistemas representacionais, em que a figurabilidade tem relevante função.	2007

	Autor (es) Título do artigo	Periódicos	Método	Objetivos	Ano de publicação
04	Botella, C. Sobre o recordar: a noção de memória sem recordação	Livro Anual de Psicanálise	Estudo teórico com exemplo clínico	Apresentar os conceitos: trabalho de figurabilidade, regrediência, estado de sessão, negativo do trauma, memória sem recordação, princípio de convergência-coerência; e demonstrar, com uma sessão clínica, que a figurabilidade exerce papel fundamental no sucesso do tratamento analítico.	2016
05	Candi, T. S. Processo analítico e alteridade na obra de André Green	Revista Impulso	Estudo teórico	Refletir sobre os destinos da noção de alteridade na obra de André Green no processo psicanalítico, afirmando que as moções pulsionais do sujeito procuram figurabilidade como vias de representabilidade.	2012
06	Falcão, L. Figurabilidade em ato e flash corporal	Revista Brasileira de Psicanálise	Estudo teórico com exemplo clínico	Propor uma ampliação dos estudos sobre a figurabilidade psíquica apresentando um caso clínico para demonstrar que a figurabilidade pode favorecer novas aberturas ao processo analítico.	2011
07	Lisondo, A. B. D. de. Rêverie re-visitando	Revista Brasileira de Psicanálise	Estudo teórico com exemplo clínico	Desenvolver o estudo da <i>rêverie</i> na constituição da mente, apontando o trabalho da figurabilidade como uma de suas funções.	2010
08	Moreno, M. M. A. e Júnior, N. E. C. Trauma: o avesso da memória	Revista Ágora – Rio de Janeiro	Estudo teórico	Sustentar que o traumático subverte o registro psíquico dos acontecimentos e que a imagem da memória em avesso pode oferecer uma figurabilidade que indica essa alteração.	2012

	Autor (es) Título do artigo	Periódicos	Método	Objetivos	Ano de publicação
09	Vorcaro, A. e Veras, V. O brincar como operação de escrita	Revista Estilos da clínica – Usp.	Estudo teórico	Apresentar como o brincar, operado por meio da figurabilidade, pode resolver o afeto da angústia desmedida em realização de desejo.	2008
10	Baudry, F. Working psychoanalytically with non neurotic patients: theory and technique	The Psychoanalytic Quarterly	Estudo teórico	Apresentar ao leitor novos desenvolvimentos no pensamento psicanalítico atual sobre o tratamento de pacientes não neuróticos, tendo em vista a frequente ocorrência de cenários relacionais que, sutilmente, repetem algum aspecto crucial do trauma passado.	2015
11	Birksted-Breen, D. Bi-ocularity, the functioning mind of the psychoanalyst	The International Journal of Psychoanalysis	Estudo teórico com exemplo clínico	Discutir a importância de um modo de atenção bi-ocular, um que envolve o processo psíquico da ‘ <i>reverie</i> ’ e outro sobre o ‘ <i>analisar</i> ’, para assim, promover o desenvolvimento de um espaço físico, um lugar totalmente voltado para aquilo que não é aparente, onde experiências que eram não-representadas possam tomar formas.	2016
12	Levine, H. B. The colourless canvas: representation, therapeutic, action and creation of mind	The International Journal of Psychoanalysis	Estudo teórico com exemplo clínico	Descrever, discutir e apresentar ilustrações do processo transformacional (figurabilidade) que se move intersubjetivamente de estados psíquicos não/ou fracamente representados para estados mentais representados com força para significado, de incoerente para ordem mental.	2012

	Autor (es) Título do artigo	Periódicos	Método	Objetivos	Ano de publicação
13	Harris, A. Winnicott and gender madness	British Journal of Psychotherapy	Estudo teórico com exemplo clínico	Especular sobre possíveis processos de desenvolvimento através dos quais identificações complexas e mutantes de gênero se cruzam e interagem com experiências de sexualidade e desejo.	2016
14	Perelberg, R. J. On excess, trauma and helplessness: repetitions and transformations	The International Journal of Psychoanalysis	Estudo teórico com caso clínico	Explorar a noção de excesso e falta em relação a dois exemplos clínicos, cujas análises ocorrem reunindo afetos, representações, experiências sensoriais e somáticas, sonhos, associações e encenações, tendo como conceitos centrais para sua compreensão a incorporação e a figurabilidade.	2015
15	Falcão, L. L'hallucinatoire en séance: une voie pour le devenerir du moi inconscient	Revue Française de psychanalyse	Estudo teórico com caso clínico	Contextualizar o termo alucinatório e retirá-lo de uma conotação psiquiátrica apresentando para tal um exemplo clínico.	2016
16	Beetschen, A. Vers l'éclat nocture de l'image	Revue Française de psychanalyse	Estudo teórico	Debater a proposição da metapsicologia para uma disposição para imagens e discutir quais outros meios para tentar tornar inteligível o material psíquico na clínica e na teoria.	2001
17	Carels, N. Flux et reflux de la convergence	Revue Française de psychanalyse	Estudo teórico com caso clínico	Refletir sobre diferenças e analogias da convergência a partir de um caso clínico, retomando as considerações feitas por César e Sara Botella.	2001

	Autor (es) Título do artigo	Periódicos	Método	Objetivos	Ano de publicação
18	Chervet, B. Les veines de l'onyx ou les contraintes imposées au ça	Revue Française de psychanalyse	Estudo teórico	Apresentar as restrições que constituem, para o trabalho da figuração, os materiais linguísticos latentes e discutir a apresentação de uma primeira identificação anterior a qualquer objeto de investimento.	2001
19	Diatkine, G. Rythme et figurabilité	Revue Française de psychanalyse	Estudo teórico	Propor hipóteses sobre o ritmo do paciente que será a fonte da figurabilidade do analista e discutir as divergências entre Laurence Kahn e as proposições de César e Sara Botella.	2001
20	Green, A. Que sont les formes?	Revue Française de psychanalyse	Estudo teórico	Participar da discussão do relatório de Laurence Kahn e debater alguns pontos específicos do desenvolvimento de sua proposição.	2001
21	Green, A. Reculer pour mieux sauter	Revue Française de psychanalyse	Estudo teórico	Discutir as ideias do relatório dos autores Botella e Botella, apresentando suas fundamentações e como estas mudaram a partir das proposições feitas por Freud.	2001
22	Guignard, F. Le sexuel statufié	Revue Française de psychanalyse	Estudo teórico	Apresentar e discutir o caminho metapsicológico proposto por César e Sara Botella para o "sexual primordial", confirmando a importância das pulsões sexuais na organização psíquica.	2001
23	Guillaumin, J. L'image entre le dedans et le dehors	Revue Française de psychanalyse	Estudo teórico	Discutir se a figurabilidade, apenas vislumbrada por Freud, pode acrescentar algo ao trabalho clínico da psicanálise, conforme defendido por Botella e Botella, em seu relatório.	2001

	Autor (es) Título do artigo	Periódicos	Método	Objetivos	Ano de publicação
24	Janin, C. Contenir par le contact, en cadrer par l'hallucinatoire	Revue Française de psychanalyse	Estudo teórico	Apresentar a discussão sobre “contato e alucinatório” proposta por César e Sara Botella e tentar reingressar em suas linhas de força e articulações.	2001
25	Kahn, L. L'hallucinatoire, la forme, la référence	Revue Française de psychanalyse	Estudo teórico com caso clínico	Provover uma discussão baseada nos conceitos reunidos na obra de Freud, dentre eles o alucinatório e a forma, em que o fato psíquico é um efeito e o que ele realiza não pode ser entendido neste único registro do que é sentido.	2001
26	Kahn, L. L'action de la forme	Revue Française de psychanalyse	Estudo teórico com caso clínico	Desenvolver e apresentar, teoricamente, o relatório sobre a ação da forma na ocorrência da figurabilidade.	2001
27	Lafond, C. TRANS-formation	Revue Française de psychanalyse	Estudo teórico com caso clínico	Pensar e discutir como o processo analítico, tomado pelo esquema oral dos arranjos conectivo e disjuntivo, transborda de significados fora da ordem simbólica que não conseguimos apresentar.	2001
28	LeGuen, C. La figurabilité se fonde sur un vécu et non sur une vision	Revue Française de psychanalyse	Estudo teórico com exemplo clínico	Questionar o que foi proposto no relatório de César e Sara Botella e qual o tipo de “essência” do projeto apresentado pelos autores.	2001
29	Lussier, M. Court plaidoyer pour figurabilité	Revue Française de psychanalyse	Estudo teórico	Apresentar a figurabilidade, baseada nos conceitos de Darstellen e Vorstellen.	2001
30	Mango, E. G. La figure et l'incarnation	Revue Française de psychanalyse	Estudo teórico com caso clínico	Promover uma discussão sobre o relatório de Kahn e pensar sobre o mistério entre o divino e o não-representável das figuras.	2001

	Autor (es) Título do artigo	Periódicos	Método	Objetivos	Ano de publicação
31	Perron-Borelli, M. Images, représentations, fantasmes	Revue Française de psychanalyse	Estudo teórico com caso clínico	Discutir, por meio de um caso clínico, a distinção dos processos psíquicos que podem ser considerados “não representados” ou “irrepresentáveis” no âmbito dos conceitos de imagens, representações e fantasias.	2001
32	Quinodoz, J. M. Figurabilité, fantasme inconscient et formes de symbolisation dans les rêves	Revue Française de psychanalyse	Estudo teórico	Discutir o conceito de figurabilidade, fantasia inconsciente e formas de simbolização dos sonhos apontados no relatório de César e Sara Botella.	2001
33	Sechaud, E. Figurabilité olfactive	Revue Française de psychanalyse	Estudo teórico com caso clínico	Apresentar como a figurabilidade olfativa, apesar de não ter sido abordada diretamente no relatório de Kahn, tem uma importância nas formas pelas quais o desejo reprimido pode ser representado.	2001

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo, entraremos na exploração da figurabilidade, apresentando os estudos formulados a partir da análise dos artigos selecionados, referentes às pesquisas de autores encontrados. Como dito anteriormente, ao questionar sobre o uso da figurabilidade como ferramenta na técnica psicanalítica, temos por finalidade fazer um breve mapeamento e análise da produção científica atual acerca dos estudos e do conceito de figurabilidade, bem como sintetizar as funções e as implicações do uso da mesma na clínica psicanalítica.

Para os resultados desta pesquisa, é importante apontar alguns fatos que se destacaram. Da amostra de trinta e três artigos,¹⁵ 58% dos achados estão em língua francesa¹⁶ (19 artigos), 27% em língua portuguesa (09 artigos) e 15% em língua inglesa (05 artigos). Assim, considerando a amostra, pode-se inferir que a vasta publicação dos psicanalistas/pesquisadores franceses esteja relacionada à realização do 61º Congresso de Psicanálise, com quatro dias de duração e com o tema “*La figurabilité*”, organizado pela Sociedade de Psicanálise de Paris, no ano de 2001, na França. Por outro lado, para as bases teóricas, foram utilizados os autores ingleses como bases fundantes do Campo psicanalítico.

Outro destaque se refere ao fato de que, entre os artigos selecionados, um total de dezenove apresentou exemplos clínicos, sendo: dez artigos escritos na língua francesa, quatro na língua portuguesa e cinco na língua inglesa. Isso significa dizer que aproximadamente 55% dos artigos apresentaram ilustração com casos clínicos para o estudo e definição do fenômeno da figurabilidade. Este percentual sinaliza uma consistente inserção do conceito de figurabilidade na clínica psicanalítica, apontando para sua eminente retomada como artifício técnico no tratamento psicanalítico.

É importante ressaltar que, na tradução para o português, o termo correspondente à figurabilidade na língua alemã foi traduzido por *representabilidade*. Contudo, no texto de Freud, *A interpretação dos sonhos*, um dos mecanismos do trabalho do sonho foi anunciado pela formulação *Die Rücksich auf Darstellbarkeit*. Essa expressão, para a língua francesa, foi traduzida¹⁷ por “a tomada em consideração da figurabilidade”. Já na

¹⁵ A lista com os artigos analisados está disponível nos Anexos.

¹⁶ Não foram encontrados, nos portais de busca, artigos anteriores ao ano de 2001. As produções anteriores a essa data são produções de livros. O tema foi retomado pelo congresso após 25 anos dessas produções.

¹⁷ No que se refere à primeira tradução da obra dos sonhos, esta foi feita em francês por Ignace Meyerson, sob o título de *A ciência dos sonhos*. Denise Berger, no ano de 1967, aperfeiçoou a tradução para receber

tradução em língua espanhola, o termo primeiramente foi traduzido por *representabilidad* e mais recentemente por *figurabilidad*. Na recepção da obra de Freud na França, o interesse foi despertado pelo conceito como figurabilidade e talvez seja esta a razão de se encontrar produções francesas em maior quantidade.

3.1. A figurabilidade na teoria psicanalítica

A teoria analítica pouco se tinha ocupado do Campo da figurabilidade. Freud (1900/1996) a considerou no interior de seu trabalho dos sonhos, como discutido, e a definiu como uma percepção interna, uma imagem com “força sensorial”, utilizada no tratamento analítico. Dessa forma, no processo da figurabilidade, o pensamento se transforma em imagens visuais e em fala. É um processo de dar sentido, de “causação” criadora de novas causalidades. Para o autor, a figurabilidade configura-se como “Uma das funções das mais precoces e das mais importantes do aparelho psíquico, aquela de ‘ligar’ as moções pulsionais.¹⁸ Um ato preparatório que introduz e assegura a dominação do princípio do prazer”. (Freud, 1915/1996, p. 336).

Baseados nos legados de Freud, autores pós-freudianos acrescentaram contribuições significativas à técnica psicanalítica. Bion (2006), por exemplo, apresenta a necessidade de o analista trabalhar em estado de “não memória, não desejo e não intenção de compreender”. Ou seja, cada sessão constitui o primeiro dia – novamente – da análise (Grotstein, 2010). Como regra técnica, o analista deve tentar não lembrar das sessões anteriores, deve sim possibilitar, caso seja preciso, a retomada delas, de forma espontânea, sem desejo de lembrança e de compreensão das mesmas. Utilizando essa técnica, foi possível enfatizar os devaneios e fantasias conscientes do analista, bem como revalorizar as representações que podem se transformar em imagens visuais ou sensações, originadas dentro do Campo no processo psicanalítico.

A partir dessa nova construção técnica, o analista, tendo sua atividade inconsciente funcionando livremente, pode circular pelo processo analítico. Assim, conforme Botella e Botella (2003), se o analista conseguir aceitar passivamente que seu

o título que conhecemos, *A interpretação dos sonhos*. O principal texto de Freud, então, ocupou seu lugar entre os 11 volumes já publicados nas *Obras completas*, cuja realização começou em 1989, sob a direção científica de André Bourguignon, de Jean Laplanche e de Pierre Cotet.

¹⁸ Para Freud (1915/1996) a moção pulsional situa-se ao mesmo nível da pulsão. De acordo com Laplanche e Pontalis (1998) a pulsão é tida como um “processo dinâmico que consiste numa pressão ou força que faz o organismo tender para um objetivo”. (p. 394)

psiquismo alcance uma “regressão formal do pensamento”,¹⁹ chegando ao “quase-alucinatório”,²⁰ pode-se produzir uma figurabilidade. Esse “quase-alucinatório” trata-se de uma representação condensada de vários elementos do psiquismo, representação essa que não deverá ser considerada como a verdade do momento, mas como um conteúdo do qual surgirá uma interpretação, esclarecendo algo do paciente.

Com esse processo, a figurabilidade, como imagem ou representação, é transportada para o universo da palavra, de modo a ser possível uma compreensão e nomeação de um material inconsciente, ou seja, a figurabilidade trata de articular o universo não-verbal do discurso expressivo, próprio das emoções, com o universo verbal. Assim, para que as emoções possam se tornar pensáveis e comunicáveis, devem passar por um trabalho de transformação e adquirir uma forma simbólica apropriada, fazendo surgir a figurabilidade (Botella & Botella, 2002).

A figurabilidade é considerada, dessa forma, um recurso psíquico, gerado pela relação de duas subjetividades em processo analítico na clínica psicanalítica. Tendo função potencial no psiquismo, ela pode representar uma outra face da inteligibilidade psíquica e exercer um papel fundamental na prática da clínica psicanalítica.

Como apresentado no início deste item, os autores fundantes da teoria psicanalítica não se ocuparam em desenvolver o conceito de figurabilidade, nem tampouco sua utilização como ferramenta à técnica analítica. Esta tarefa coube aos outros teóricos da psicanálise. Então, para melhor compreender este conceito, tornou-se importante mostrar o percurso de como ele foi sendo estudado e definido para, em seguida, apresentar as duas principais linhas de desenvolvimento do mesmo: pelo trabalho onírico e pela forma de expressão. O entendimento dessas formas de apresentação da figurabilidade pode favorecer o seu uso na clínica psicanalítica.

3.1.1. Figurabilidade: estudo e definição

Quase um século depois de Freud, o conceito foi examinado por outros estudiosos e pesquisadores, como Botella e Botella (2002). Embora Bion (1988) desconsidere a participação do impulso do inconsciente nas *reveries*, Botella e Botella

¹⁹ Regressão formal do pensamento trata-se de uma modalidade técnica que cria no analista a convicção de que seu trabalho de figurabilidade pode lhe dar condições de ver e compreender o que foi vivido anteriormente, fora da linguagem e da capacidade de simbolização.

²⁰ A expressão “quase-alucinatório” é utilizada neste trabalho sob a forma de substantivo e livre de toda conotação psiquiátrica. Botella e Botella (2003) introduz o termo “alucinatório” como noção metapsicológica, que será melhor desenvolvida ao longo do texto.

(2003) afirmam que tal impulso está sempre presente e à espreita para tentar realizar-se. É por isso que, mesmo que a *reverie* conceituada por Bion esteja dentro do Campo do trabalho de figurabilidade, há um receio de Botella e Botella (2005) em dizer que a teoria bioniana trata deste tema.

Para o casal Botella, a figurabilidade tornou-se fonte de pesquisa desde sua ocorrência em momentos inexplicáveis da sessão com crianças, às vezes bastante doentes, e mesmo com adultos, que escapavam aos esquemas habituais de tratamento. Sentiram espanto, ficaram intrigados e ocuparam-se então em abordar centralmente o tema, tendo suas primeiras publicações no início dos anos oitenta. Para os autores, a figurabilidade:

Deve ser considerada como um processo instintual cujas qualidades derivam de uma propriedade do movimento intrapsíquico de convergência e inteligibilidade alucinatória, o sonho sendo sua mais bem sucedida manifestação.²¹ (Botella & Botella, 2005, p. 13).

Pensando acerca da definição do termo, Michel Fain e Piera Aulagnier (1975) utilizaram a palavra figurabilidade em seus trabalhos. Para o primeiro autor, o sentido seria apenas um sentimento ou atitude corporal influenciada pelo ego. Já para Aulagnier (1975), a principal noção de figurabilidade estava circunscrita em dois usos: um a tornava idêntica à “imagem de coisa”, o outro a integrava a um desenvolvimento genético em que “o visual precede o acústico, a vista precede o conhecimento e cuja possibilidade de nomeação, a imagem sensorial, é o primeiro referente da representação que ela torna possível” (Botella & Botella, 2003, p. 283). Para Aulagnier (1975), a tarefa mais árdua do intérprete consistia em encontrar palavras que tornassem ‘figuráveis’ para os dois parceiros as representações de coisas.

Desta feita, a figurabilidade do analista, dentro do Campo e no processo analítico, representa um instrumento precioso para sua progressão ou possivelmente um dos únicos meios para atingir certos domínios da vida psíquica do paciente. Vale dizer também que se atingem esses domínios na transferência, que decorre de vivências corporais e mobiliza a presença encarnada tanto do analisando como do analista. Nesse movimento, a intersubjetividade é fundamental; ela estabelece um entorno real-

²¹ Tradução da autora. No original: “As an instinctual process whose quality derives from a property of intrapsychic movement of convergence and hallucinatory intelligibility, the dream being its most successful manifestation”.

imaginário, a partir do qual se subjetivam o sujeito e o outro. Só o estabelecimento dessa intersubjetividade originária, que não foi inscrita, permite a regressão alucinatória, visando a figurabilidade do afeto e a integração de impressões sensíveis e traumáticas não resolvidas. O que está em jogo, conforme Ayouch (2012), é tentar constituir, na relação transferencial (e nesse ponto o autor dialoga com Freud no sentido da utilização do conceito), aquilo que não se inscreveu na experiência originária com o outro.

Para contribuir no entendimento do conceito, Botella e Botella (2003) estabelecem modalidades para esse processo:

A primeira é a freudiana, oriunda de um trabalho complexo que extrai sua energia e seu sentido dos desejos sexuais infantis; a segunda é a figurabilidade silberiana, cuja via regrediente se limita à transformação automática da palavra em imagem. Esta não ultrapassa o pré-consciente, enquanto que a freudiana, num percurso longo, ultrapassa o pré-consciente, abarca o inconsciente em toda sua amplitude e efetua uma reformulação de todos os elementos que participam disso (p. 285).

Ainda de acordo com Botella e Botella (2002), a figurabilidade do analista corresponde à vinculação com um não-representável do paciente. Usá-la na interpretação, conforme afirmam esses autores, “desperta no paciente um sentimento de evidência, de autenticidade” (Botella & Botella, 2002, p. 37). Quer se apresente sob a forma de um sonho ou surja, por “acidente”, durante o dia, ela representa uma via real de acesso à inteligibilidade na sessão de análise.

Essa representação, surgindo com frequência do infantil do analista, não deverá ser considerada como a verdade do momento, mas deverá ser considerada como um conteúdo manifesto do qual poderá surgir uma interpretação, esclarecendo uma zona não-representável do paciente (Botella & Botella, 2003).

Além disso, é importante ressaltar que a figurabilidade pode ser eficaz se o conteúdo manifesto representar um “organizar” que abranja um “dar sentido” criador de uma coerência dos elementos. O modelo de trabalho do químico, utilizado por Freud (1918/1996) em vários artigos, parece, aqui, perfeitamente justificado. Assim como os profissionais da química, em seus laboratórios, dividem ou separam substâncias que podem se ligar, ou não, a outras substâncias, o psicanalista realiza uma espécie de

divisão e separação dos sintomas e das manifestações patológicas do paciente a fim de compreender sua complexa natureza.

Pela figurabilidade, o “dar sentido e coerência” poderá se realizar se a regressão formal encontrar no seu caminho uma representação-significante que sirva de elo aos diferentes elementos presentes, conscientes e inconscientes. Como são vários os elementos, esse significante terá um caráter sobredeterminado e, por ser uma representação condensada, possuirá uma tendência alucinatória.

Aos poucos, dada a natureza do material estudado, Botella e Botella (2005) ficaram impressionados com a capacidade da figurabilidade do analista para apresentar novas situações que, de outra maneira, possivelmente permaneceriam indecifráveis para a análise. Para Botella e Botella:

Figurabilidade deve ser prevista como um ‘material’ de qualidade; e, ao contrário da representação e percepção, que pertencem a uma ordem permanente, figurabilidade tem a vocação de transitoriedade, de instantaneidade rápida e deslumbrante realização, como num sonho²² (2005, p. 13).

Complementa essa ideia Ibertis (2017), para quem a figurabilidade dos pensamentos oníricos em imagens é determinada de acordo com três condições: os pensamentos devem ter um grau de concretude que torne possível a sua transformação em imagens; o sistema mnemônico deve dispor de imagens adequadas à expressão desses pensamentos; e, por fim, esse sistema deve contar com redes associativas que permitam a vinculação dessas imagens adequadas com os pensamentos a serem transformados. A figuração e as suas condições de possibilidade envolvem tanto a constituição do psiquismo, nas suas dimensões consciente e inconsciente, quanto a formação do pensamento e do mundo enquanto pensado e vivenciado.

Assim, figurabilidade é expressão e representação de um não-representável. Ela trata de articular o universo não-verbal do discurso expressivo, ou seja, segundo a lógica da expressividade, próprio das emoções, com o universo verbal que se articula sob o prisma da lógica formal. Essa imagem ou representação, sendo transportada para o universo da palavra, possibilita, além de uma nomeação, a compreensão de processos psíquicos inconscientes.

²² Tradução da autora. No original: “Figurability must be envisaged as ‘material’ quality; and, unlike representation and perceptions, which belong to permanente orders, figurability has a vocation of transience, of instantaneity of dazzling speed of accomplishment, as in a dream”.

A partir da análise dos artigos selecionados, percebeu-se duas linhas de estudo, desenvolvimento e definição da figurabilidade, o que indica a tomada do conceito originalmente freudiano em um sentido plural. Elas são: a figurabilidade pela forma do trabalho onírico e a figurabilidade pela forma da expressão.

3.1.2. A figurabilidade pela forma do trabalho onírico

Para esta linha de pensamento, a figurabilidade representa uma das funções primordiais do aparelho psíquico, quer se realize naturalmente no sonho, quer em um estado de regrediência, em forma “alucinatória” de pensamentos diurnos. Dentre os autores alinhados a esta tese, estão: Quinodoz (2001), Carels (2001), Guillaumin (2001), Chervet (2001), Janin (2001), Botella e Botella (2003), Lisondo (2010), Candi (2012), Levine (2012), Baudry (2015), Perelberg (2015), Harris (2016), Birksted-Breen (2016). Para estes, a figurabilidade representa uma das faces da inteligibilidade psíquica.

Para iniciar a discussão dos autores que abordam a figurabilidade a partir de sua associação com o trabalho onírico, começaremos com os pesquisadores Botella e Botella (2003), pioneiros nesta modalidade para estes estudos. Os autores afirmam que certas emoções e afetos (bem como seus efeitos traumáticos), ocorridos “antes da linguagem”, só podem ser “ouvidos” pelo analista se ocorrer uma figurabilidade, estando seu pensamento na via regrediente e seu psiquismo para além das representações de palavras e de coisas, pré-conscientes e inconscientes.

Assim, para eles, o fundamental é esse estado psíquico de regrediência, pois é ele que pode estabelecer um novo lugar para novas causalidades, fazendo com que a figurabilidade aumente notadamente o curso das curas analíticas, tornando as análises mais longas e proficuas (Lafond, 2001).

Nesta via de compreender a figurabilidade pelo estado de regrediência, como fizeram Botella e Botella (2003), vale dizer que se está em uma zona de diálogo com o trabalho dos sonhos. Assim, Guillaumin (2001) afirma que, se a regressão ou o estado de regrediência se parecer em alguma medida com o sonho e conversar com ele, será por esta função de limite e proteção que se estabelecerá um lugar de encontro que condensa a energia retida para o processo de figurabilidade.

Pensando nessa questão, Guillaumin (2001) ressalta que Freud (1900/1996), ao se fiar ao modelo onírico-descritivo, pode ter subestimado o papel da figurabilidade e de sua complexidade. A teoria freudiana do início do século XX reduz a figurabilidade a

um procedimento específico apenas do trabalho de sonhos, uma “língua primitiva e sem gramática” (Lisondo, 2010). Daí, mais tarde, para o melhor entendimento e compreensão da complexidade da figurabilidade, destacou-se esse fenômeno como uma das funções da *reverie*, pois esse é um conceito-chave na relação de objetos (Lisondo, 2010).

Dessa forma, vale dizer que a figurabilidade está ligada a uma linguagem sem gramática, linguagem do sonho (noturno ou em vigília) e, sendo assim, ela só poderá ser compreendida pela *reverie* (devaneio) do analista (Lisondo, 2010). E, já que é um estado de sonho, isso poderia se articular facilmente ao trabalho de Freud, em seu livro dos sonhos.

Ainda em relação ao diálogo com a obra freudiana, Quinodoz (2001) se admirou com o fato de Freud, dentro do trabalho dos sonhos, não ter dado à figurabilidade uma definição clara ou *iluminadora*, referindo-se ao fato de que Freud não percebeu o alcance do conceito de figurabilidade do ponto de vista técnico e clínico. É por esse motivo e pela escassez de debates sobre o tema nos primórdios da Psicanálise, que Quinodoz (2001) se diz surpreso com a importância desse mecanismo da figurabilidade, apenas *apontado*, mas não devidamente desenvolvido por Freud (1900/1996), no seu livro sobre os sonhos. Quinodoz assim define o conceito: a noção de figurabilidade pode ser compreendida “à luz da fantasia inconsciente” e ela “explicaria porque alguns sonhos parecem mais significativos do que outros aos olhos do psicanalista”²³ (2001, p. 1376).

Essa “linguagem do sonho”, associada à regrediência, também é o foco das discussões de Chervet, Janin e Candi. Porém eles acrescentam à discussão uma associação da figurabilidade a lembranças primitivas ligadas à infância. Chervet (2001) vai dizer que a figurabilidade se aproxima das lembranças remotas – ligadas ao infantil primordial – de outra forma irrepresentáveis. Ele afirma que “a figurabilidade traduz um tipo de lembrança muito precoce, a dos cuidados maternos, cuidados com o corpo, cuidados acompanhados pelas palavras maternas e sons que já estão dispostos em seu código”²⁴ (p. 1100). Para este autor, o trabalho de figurabilidade concentra-se nesses cuidados primeiros com o corpo e a linguagem, e isso exige uma identificação primeira

²³ Os trechos dos artigos aqui utilizados, em francês, foram livremente traduzidos pela autora. No original: “Notion de figurabilité à la lumière de celle de fantasme inconscient expliquerait que certains rêves paraissent plus significatifs que d’autres au regard du psychanalyste”.

²⁴ Tradução da autora. No original: “C’est en ce sens que la figurabilité traduit un autre type de souvenirs très précoces, ceux des soins maternels, soins corporels, soins s’accompagnant des mots de la mère, de ses sonorités déjà agencées en code”.

com os pais de sua pré-história pessoal. Dentro de uma organização mais primitiva, estão as considerações de Falcão (2011), quando a mesma considera a figurabilidade como um movimento da ordem do processo do id.

Nessa linha, o sonho e o infantil primordial estão intimamente relacionados. É Janin (2001) quem explica: a figurabilidade e o regrediente, presentes no sonho, necessariamente encontram a questão da memória se, em consonância teórica com Freud, o sonho for de fato como uma regressão ao passado mais antigo do sonhador, como um avivamento de sua infância. Para Janin (2001): “A figurabilidade incorpora então formas visíveis com fios coloridos da sexualidade infantil”²⁵ (p. 1255).

Se Janin coloca a questão da figurabilidade atrelada ao sexual infantil, Candi (2012) não discordará dele. Ela afirma que a figurabilidade se atrela às vias de representabilidade procuradas pela pulsão, sendo matéria-prima da sexualidade humana, depois que se manifesta como uma força cega para o núcleo egóico arcaico. Candi (2012) considera ainda que as moções pulsionais constituem a vitalidade do sujeito, pois conseguem estabelecer junções entre conteúdos internos diferentes (afeto, sensações, fantasias), bem como ligar as respostas fornecidas pelos objetos primários e a realidade externa.

Assim sendo, podemos perceber a importância da figurabilidade nos estudos psicanalíticos e na prática dos consultórios; isso porque por ela, o sujeito em desamparo consegue, conforme sugerido por Freud, domesticar tais moções pulsionais. Para tanto, exige-se um trabalho psíquico, por parte dos objetos primordiais, que dê representação à força para, assim, integrar as alteridades internas e externas ao sujeito. Conforme Candi (2012), uma realidade externa, que passa pelo sujeito, provém das representações verbais do discurso de um Outro, no sentido do que se pode sentir e experimentar nessa relação. Daí o caráter crucial da figurabilidade – é ela quem permitirá tal integração. Nos dizeres de Carels (2001): “a figurabilidade é a inteligibilidade mais elementar e a mais diretamente apresentável à consciência”²⁶ (p. 1264).

Vê-se, dessa maneira, que todos os autores citados relacionam a figurabilidade ao espaço do sonhar, trazendo à tona um elemento sexual primordial. É muito importante dizer que esses estudiosos estão certos de que a figurabilidade, como processo psíquico, não é “natural” da sessão analítica ou não advém de um Campo

²⁵ Tradução da autora. No original: “Le travail de figurabilité brode des formes visibles avec les fils colorés de la sexualité infantile”.

²⁶ Tradução da autora. No original: “La figurabilité, l’intelligibilité la plus élémentaire, la plus directement présentable à la ‘conscience’”.

comum a todos os psicanalistas. Ao contrário, a figurabilidade depende de uma disposição e abertura específica do analista às percepções sensoriais que, casualmente, podem aparecer à mente daquele que escuta a partir de si.

3.1.3. A figurabilidade pela forma da expressão

Para esta outra linha de pensamento, a figurabilidade seria um processo que se dá de forma inevitável, devido à necessidade do inconsciente de figurar suas representações para o consciente. Dentre os autores, temos: LeGuen (2001), Mango (2001), Perron-Borelli (2001), Diatkine (2001), Vorcaro e Veras (2008) e Laurence Kahn (2001). Estes, em contraposição, creditam à figurabilidade menos ao trabalho do sonho e garantem a ela um caráter quase corriqueiro nas sessões de análise.

Como principal pesquisadora e representante desta posição, encontra-se Kahn²⁷ (2001) pela referência de outros autores que citam a oposição crítica desta a Quinodoz (2001), Carels (2001), Guillaumin (2001), Chervet (2001), Janin (2001), Botella e Botella (2003), Lisondo (2010) e Candi (2012). Enquanto esses consideram a figurabilidade um fenômeno excepcional, para ela, o processo de figuração é uma propriedade comum às formações do inconsciente que o analista terá de figurar.

Kahn (2001) discorda dos autores acima mencionados e de outros da mesma linha, já que considera a figuração um processo natural e espontâneo que ocorre nas sessões psicanalíticas. Para esta autora, a figurabilidade, traduzida para o francês como *apresentação*,²⁸ não é uma exclusividade do trabalho do sonho. Nesse sentido, a questão principal levantada pela autora diz respeito ao “risco de se produzir, na prática, um uso sistemático da ‘escuta regrediente’ de uma memória-sonho que implica um alucinatório se referindo ao sexual primordial e ao que aconteceu antes da aparição de toda a linguagem”²⁹ (LeGuen, 2001, p. 1319). Ou seja, reduzir a figurabilidade à escuta regrediente de uma memória-sonho é um risco de fazer este fenômeno ficar restrito e reduzido a um estado específico de funcionamento psíquico.

²⁷ Os dois artigos utilizados para a construção desta ideia foram: “L’action de la forme” e “L’hallucinatoire, la forme, la référence”.

²⁸ Do termo em francês: *presentabilité*. Traduzido como apresentabilidade.

²⁹ Tradução da autora. No original: “j’ évoquerai d’abord l’ hypothèse qui vous a servi de base pour l’exploration du lien entre le sexuel et la figurabilité: au coeur du sexuel infantile se trouverait une position propre à l’enfant avant le langage que vous postulez comme liée avec l’endoperception d’un rêve chez l’adulte et que vous référez comme *voir sans comprendre*”.

Vale dizer que há uma questão de tradução envolvida na defesa desta psicanalista acerca do possível reducionismo (conforme a visão da autora) de Botella e Botella (2003), principal defensor da figurabilidade pela via do sonho. A complexidade da questão adveio a partir do conceito de *darstellbarkeit*, de seu sentido e definição conforme a tradução de Kahn (2001). Para a linha de desenvolvimento proposta por Kahn (2001), considera-se *darstellbarkeit* como um termo “composto pelo radical *darstell*, de apresentar, e do sufixo *bar*, que indica a possibilidade dessa ação; e, no final, *keit*, que a torna um substantivo”.³⁰ (p. 1062).

A questão é que *darstellbarkeit*, conceito originariamente vindo de Freud (1900/1996), conduz a uma ideia de que a imagem³¹ apresentada seria apenas parte da apresentabilidade e, não o foco principal. Essa é a ideia que Freud imbuiu ao termo *darstellbarkeit*: para ele, a aptidão para a apresentação não inclui só o que é dito e visto, mas o que é experimentado pela dupla psicanalítica. Entretanto, Kahn (2001) discorda da tradução do termo (*darstellbarkeit*). Enquanto alguns tradutores de Freud correlacionam diretamente tal termo com a figurabilidade, Kahn é precisa ao afirmar que tal tradução é equivocada; para ela, *darstellbarkeit* não se refere, ainda, à figurabilidade, mas apenas a uma apresentabilidade do discurso via imagens. Assim, o termo figurabilidade, de acordo com Kahn (2001), não surgiu em Freud, apenas pôde tomar formato alguns anos mais tarde, com os estudos a partir da década de 80 e que a tomada em consideração da figurabilidade do sonho deve ser pela sua forma de apresentação.

Perron-Borelli (2001) completa: “a insistência de Kahn sobre o status de uma ‘apresentação’, que deve ser distinguida da representação³², impede uma referência privilegiada ao visual. Parece difícil separar o caráter alucinatório do sonho das imagens e a prevalência das imagens visuais” (p. 1368). É difícil porque a figurabilidade – expressa como exigência a que se submetem os pensamentos dos sonhos – implica, necessariamente, na capacidade de tornar os sonhos especialmente visuais. Mas tal tese difere do que Kahn propõe porque a ideia de apresentação – diferentemente de representação – pode impedir um exclusivismo ao visual.

³⁰ Tradução da autora. No original: “Jamais la figurabilité ne pourra dire cela. Tout d’abord parce qu’elle ne dit pas que *Darstellbarkeit* est composé du radical **darstell*, présenter, du suffixe **bar* qui indique la possibilité de cette action, et de la terminaison **keit* qui en fait un substantif.”

³¹ “Imagem”, aqui referido, como “ímagô”, ou seja, “protótipo inconsciente de personagens que orienta seletivamente a forma como o sujeito apreende o outro”. (Laplanche & Pontalis, 1998, p. 234).

³² A representação, aqui referida, refere-se à *Vorstellung*, denominação utilizada por Freud, que é a possibilidade de representar subjetivamente um objeto, numa relação de semelhança com o objeto. (Laplanche & Pontalis, 1998, p. 449).

Nessa discussão, Mango (2001) afirma que ao traduzir *darstellbarkeit* por apresentabilidade ganhou-se em rigor semântico e teórico, mas se perdeu no que a palavra figurabilidade traz para o aspecto da formação do sonho. Em concordância com Kahn (2001), este autor afirma que uma das contribuições importantes desta autora para a questão da figurabilidade é: “abrir a figurabilidade não somente à imagem, mas também ao elemento sonoro, à palavra dirigida ao analista e aos traços sensíveis de que ela é transportadora”³³ (p. 1086). Além disso, em uma sessão de análise, o paciente reatualiza suas experiências, podendo, conforme explicita Kahn (2001), “ser tomado – na sua dieta oral, na sua prosódia e no seu ritmo – pelas linhas de força e fraqueza na expressão e disposição da fala”³⁴ (p. 1064).

Diatkine (2001) afirma, também em consonância com Kahn (2001), que “seria o ritmo do paciente, entendido no sentido que Kahn lhe dá, a fonte da figurabilidade do analista”³⁵ (p. 1115). Por isso, é necessário considerar que “o ritmo aparece em primeiro lugar no discurso do paciente sob a forma de uma insistência, como algo que se repete, às vezes, como um material fônico, ou apenas uma falta de ar ou uma pressa” (Diatkine, 2001, p. 1115). Assim, parte-se do pressuposto de que o analista deve compreender esse ritmo, esse tom.

Pensando ainda sobre o acesso ao psiquismo do paciente e sobre as duas subjetividades (analista/analizando), Lafond (2001) afirma que a palavra do analisando “não pode ter um significado tão abstrato” (p. 1135), ou seja, ela deve ser tomada como medida de acesso a um inconsciente. Portanto, percebemos que o ritmo ditado pelo paciente dá o sentido das representações do inconsciente, as quais serão as fontes de figurabilidade no psicanalista.

Faz-se necessário, aqui, um adendo acerca da relação figurabilidade e cultura. Ao se pensar nesta possibilidade de um visual aberto, culturalmente, tanto analistas quanto analisandos são ecos – e possíveis reprodutores – das imagens visuais sancionadas pela cultura. Assim, a figurabilidade, em seu processo de figuração, pode esbarrar num sentido retorcido que a “cultura”, em alguma medida, impõe. Desta feita,

³³ Tradução da autora. No original: “... ouvrir le figurable non seulement à l’image, mais aussi à l’élément sonore, à la parole adressée à l’analyste, aux traces sensibles dont elle est porteuse. ”

³⁴ Tradução da autora. No original: “Le processus analytique est pris, de part en part, dans le régime oral, dans sa prosodie et dans son rythme, et les ‘valeurs’ ici mises en jeu doivent être entendues au sens large des lignes de force et de faiblesse dans l’expression et dans la disposition du discours”.

³⁵ Tradução da autora. No original: “En somme, ce serait le rythme du patient, entendu au sens précis que lui donne Laurence Kahn, qui serait à la source de la figurabilité chez l’analyste. ”.

os elementos culturais devem ser trabalhados e elucidados, enquanto significado daquela imagem, na análise e no *setting*/Campo de análise.

Nesse sentido, para Kahn (2001) a cultura exerce um papel fundamental na medida em que a figurabilidade ressoa nela. Não porque a cultura fortaleça a validade das hipóteses, mas pelo fato de que a análise deixa alguns processos e angústias na escuridão para serem trabalhados em um âmbito mais privado, como o Campo de análise, Campo no qual os elementos culturais devem ser também compreendidos. Pensando a respeito da forma, na figurabilidade, a autora afirma que “a cultura legitima a forma quando se apresenta em uma relativa paz e ignorância do que a move”.³⁶ (p. 1024).

Vale dizer que, para Kahn (2001), a forma significa o modo como o que foi reprimido, e está no inconsciente, se expressa. O analista não poderá se poupar da tarefa de, lutando contra o sem forma de algo reprimido, formatá-lo de alguma maneira. Isso de “tentar dar forma” demonstra como a solicitação ao analista exerce uma força à regra da atenção flutuante³⁷ (regra fundamental na técnica psicanalítica). Aí se encontra sua objeção fundamental a Botella e Botella (2003). Se eles, a partir de Freud (1900/1996), consideram o trabalho dos sonhos como fundamental à figurabilidade, pois é o onírico que a traria à tona – e por isso seria necessário que o analista entrasse em estado de regrediência, na tentativa de compreender o trabalho dos sonhos –, Kahn (2001) considera que não é essa via onírica que traz a figurabilidade, mas a apresentação, isto é, a forma dela, imbuída de afeto, perpassada pela cultura. Para Kahn (2001), o motor da figurabilidade não é o sexual primordial nem o sonho, mas o olhar sobre a forma de expressão, sobre o *performar* do paciente. Ou seja, a representação da forma advém do analista.

O fato é que Kahn (2001) acredita em um discurso/linguagem premido pela ideia ampla da cultura em relação ao seu significado. Sendo assim, as discordâncias rítmicas da fala podem ser parte da figurabilidade. Tudo isso não quer dizer que Kahn (2001) desconsidere por completo a ideia do sonho. No entanto, para ela, esse trabalho do sonho cuidará da escavação, podendo dar conta do aspecto qualitativo de uma referência emocional ou afetiva. Mas as representações das palavras podem ser

³⁶ Tradução da autora. No original: “Mais parçe que la culture légitime la forme lorsqu’elle se présente dans une paix et une ignorance relative de ce qui la meut...”

³⁷ Conforme Roudinesco e Plon (1998) atenção flutuante é um “termo criado por Freud, em 1912, para designar a regra técnica segundo a qual o psicanalista deve escutar seu paciente sem privilegiar nenhum elemento do discurso, deixando que sua própria atividade inconsciente entre em ação”. (p. 39).

reduzidas às representações-coisas. Tal fato, em geral, numa amplitude para a apresentação, parece dominar o processo para a obtenção da percepção sensorial.

Por fim, após a leitura dos artigos, constatou-se que, para além das discordâncias entre os autores que consideram a figurabilidade alinhada ao trabalho dos sonhos e aqueles que não pensam assim, o conceito aqui estudado é realmente de natureza complexa. Entretanto, há uma concordância que é geral entre os estudiosos do tema: esse fenômeno conserva o mistério entre o divino e a revelação do não-representável das figuras (Kahn, 2001). Ou seja, aquilo que parece, por determinados momentos não ter uma representação significativa, pode assumir um sentido figurativo real, nomeável e de mais simples entendimento para o paciente e analista dentro da sessão.

Esse parece ser um dos pontos fundamentais do conceito, pois a figurabilidade pode fazer reviver o conflito fundacional da psicanálise – abrandar o ponto de vista científico “descritivo” sobre o aparelho psíquico, para poder argumentar de forma criativa, utilizando a imaginação e a fantasia não como desvios – ou fugas anticientíficas –, mas como “caminhos possíveis para criar o mundo e nós mesmos”. (Kahn, 2001, p. 989).

A partir de uma observação mais acurada, notamos que as duas proposições apresentadas apesar dos diferentes modos de abordagem, são semelhantes em sua utilização no trabalho clínico psicanalítico. A figurabilidade pela forma do trabalho onírico apresentou uma proposição mais complexa, já que para ocorrer, depende de uma disponibilidade específica do analista para se permitir entrar em estado de regrediência. Entretanto, ambas convergem na prática psicanalítica. Por vezes, em determinados pacientes, considerando-se a relação destas duas subjetividades, é possível constatar que a figurabilidade acontece mais facilmente pela forma da expressão, ou, em outros casos, pela forma do trabalho onírico. De qualquer maneira, ambas dependem da habilidade do analista em considerá-las, para que sejam profícuas no processo analítico.

3.2. A figurabilidade na clínica psicanalítica

Para pensar a figurabilidade na clínica, retomam-se as reflexões de Green (1996), que afirma que no trabalho analítico há uma aporia inerente: a dificuldade lógica de uma epistemologia da psicanálise decorre do fato de que essa ciência rompe com os

modos de pensar ordinários e, por isso mesmo, impõe ao pensamento o paradoxo de se ter que pensar o inimaginável, o negativo do eu, ou o avesso da representação.

A clínica psicanalítica é regida por técnicas específicas que são, concomitantemente, práticas e instrumentos de pesquisa. É na clínica que se faz possível a investigação do funcionamento psíquico dos indivíduos, em um conhecimento que é possibilitado a partir do próprio aparelho psíquico do analisante/analizado e do analista. Portanto, em psicanálise, objeto e sujeito estabelecem uma relação de dependência dialética, ou de transferência, conforme nomeação da psicanálise.

Como mencionado nas linhas iniciais deste trabalho, a psicanálise necessita de dispositivos para que se possa realizar a investigação dos processos mentais e a execução de seu método de tratamento. Um desses dispositivos é o *setting*, um ambiente acolhedor que vai propiciar à dupla analítica as transferências e contratransferências, numa intensa inter-relação de subjetividades. Ademais a subjetividade é ao mesmo tempo instrumento e objeto de análise, e é um objeto não linear, que não é contínuo nem palpável, mas que é evanescente como a sombra de um sonho (Bollas, 2000).

A importância de se analisar a situação clínica – em que se dão as emoções –, conforme Birksted-Breen (2016), está no fato de que “com a sua construção e definição clara do *setting*, juntamente com um tipo particular de atenção por parte do psicanalista e de fala por parte do analisando, ela desencadeia os aspectos mais primitivos, não digeridos e traumáticos da psique do analisando”³⁸ (p. 25).

Pensando desta forma, é no Campo analítico, em um espaço relacional entre duas subjetividades, que se cria uma rede de representações e fantasias, exercendo-se atividades do pensar e da *reverie* para assim ampliar as potencialidades da vida emocional e da simbolização da dupla psicanalítica (Candi, 2012). A composição do *setting* é propícia à *reverie* do par. Mas este não é um acontecimento automático, uma vez que é necessária uma disponibilidade de ambos. A regra fundamental, atenção flutuante do analista, apenas oferece a condição técnica, cabendo ao analista e paciente entrar nesse estado de *reverie*.

³⁸ Tradução da autora. No original: “The psychoanalytic situation with is constructed, clearly defined setting, coupled with a particular kind of attentiveness on the part of the psychoanalyst, sets in motion the most primitive, undigested and traumatic aspects of the analysand’s psyche, engaging the psychoanalyst in processing their own experience in the knowledge that what takes place in themselves or in the patient will never be completely within their grasp”.

Nesta ampliação da vida emocional da dupla, os principais ganhos de analistas e pacientes em sessão ocorrem quando alguns elementos, outrora irrepresentáveis ou não-representáveis, em razão de um excesso de traumas, podem figurar no Campo analítico.

Vale ressaltar aqui, uma diferença primordial entre os dois termos: enquanto o irrepresentável diz respeito à impossibilidade de se representar ou de se verbalizar e de se elaborar um trauma, o não-representável diz respeito a traumas passíveis de representação, embora ainda não representados, verbalizados ou elaborados pelos pacientes.

Assim, transitar de um irrepresentável para um não-representável possibilita um ganho à dupla, porque significa que houve uma abertura, no paciente, para a rememoração de algo que, antes da análise, estava em um caminho da impossibilidade. Ou seja, um desvelamento do funcionamento psíquico que pode levar à eficiência do tratamento analítico.

Para se possibilitar a ocorrência da figurabilidade na clínica psicanalítica, faz-se necessária tanto a compreensão quanto a consideração de alguns elementos fundamentais concernentes ao funcionamento psíquico dentro do *setting* analítico: a regrediência e o alucinatório, estados mentais do funcionamento psíquico, importantes e apropriados à figurabilidade. A partir de então, pode-se caminhar para as funções e implicações da figurabilidade, parte integrante desta pesquisa. Para tanto, partimos de uma visão geral do que é o funcionamento psíquico.

3.2.1. Funcionamento psíquico

Para realizar seu método de tratamento, a psicanálise investiga os processos mentais baseando-se no funcionamento psíquico de cada paciente. Conforme vimos, as possibilidades de simbolizar e representar algo fazem parte de um funcionamento psíquico. Alguns autores foram utilizados para esta discussão ao longo deste trabalho, dentre eles: Kahn (2001), Botella e Botella (2003), Quinodoz (2001), Carels (2001), Guillaumin (2001), Chervet (2001), Janin (2001), Lisondo (2010), Candi (2012), Levine (2012), Baudry (2015), Perelberg (2015), Harris (2016), Birksted-Breen (2016). Constatou-se também que o trabalho dos sonhos tem função primordial e permanente no psiquismo. Graças a esse processo, em associação com outros do funcionamento

psíquico – como a simbolização –, é possível acontecer a figurabilidade, havendo uma metabolização das experiências emocionais.

Para Vorcaro e Veras (2008), nesse processo de metabolização, é importante uma espécie de ludicidade nas sessões. Para as autoras, o brincar da criança tem o mesmo caráter do sonho, ou seja, o processo de construção da cena lúdica coincide com as condições de figurabilidade do sonho. Para elas, o brincar, operando-se por meio da figurabilidade, ultrapassa a representação do vivido para se tornar vivência de fato, “num voto de resolver o afeto da angústia desmedida em realização de desejo” (p. 35).

O brincar, o sonho e a figurabilidade são alguns dos acontecimentos experimentados pela dupla psicanalítica em sessão. Alguns elementos figurados em análise, que dizem de um funcionamento psíquico específico e outrora não-representável, podem aparecer na voz do paciente para encontrar um significado ou forma possíveis. Para se fazer um apontamento de um conteúdo inconsciente, passível de representação, é necessário que o analista instigue o analisando, utilizando esses elementos e os intuindo em si próprio.

Para compreender como ocorre este processo – e essa capacidade do analista de intuí-lo e apontá-lo ao analisando – faz-se necessário o entendimento de alguns estados mentais concernentes ao funcionamento psíquico dentro do *setting* analítico: a regrediência e o alucinatório.

3.2.1.1 Regrediência e Alucinatório

Para entender a figurabilidade é crucial esclarecer o que significa a “via regrediente” que transforma representações de palavras em imagem. Para o entendimento deste matiz, Freud (1900/1996) utilizou o termo “regressão formal” a fim de descrever o percurso até a satisfação alucinatória, entretanto sem ter o caráter de retorno a uma etapa anterior do desenvolvimento. Seria então uma capacidade psíquica não regressiva, mas regrediente, fazendo parte da plasticidade normal do funcionamento psíquico. Uma acentuação desta seria a “regressão material”, caracterizada pela perceptibilidade que engendra a convicção de uma representação alucinatória.

No entanto, a definição de regressão varia segundo os autores (Birksted-Breen, Guillaumin, Diatkine, Beetchen, Botella & Botella) e mesmo Freud atribuiu-lhe uma multiplicidade de sentidos, o que repercutiu na compreensão dos processos regressivos próprios à sessão analítica. Winnicott, abordado por Harris (2016), abarca a noção de

regressão à dependência, uma dependência do paciente, considerada como a repetição idêntica da sua vivência na condição de bebê em relação à mãe, na qual o analista “é” a mãe.

A regressão libidinal no sentido freudiano³⁹ era concebida inicialmente como limitada ao domínio intrapsíquico e aos pontos de fixação próprios à psicose. Posteriormente, em seu artigo *Complementos metapsicológicos para a teoria do sonho*, Freud (1916/1996) faz distinção entre regressão da libido e regressão do ego; a primeira segue até o restabelecimento do narcisismo primitivo e a segunda, até o estágio da satisfação alucinatória do desejo.

De modo contrário à definição de Freud, Botella (2016) utiliza o termo “regrediente” não como sendo o mesmo um retorno a estágios anteriores, mas sim um “atalho”, uma capacidade específica do trabalho onírico de preservar intacta uma qualidade primária do funcionamento psíquico, a saber, a reformulação de um conteúdo de representação em imagens sensoriais.

Esse tema foi apresentado por Botella e Botella (2003) e, em seu trabalho, os autores utilizaram o termo regrediência para descrever a capacidade psíquica em funcionamento nas regressões. Este inclui as noções de “via regrediente”, de “identidade de percepção”, de “alucinatório e qualidade anímica”, noções a serem aproximadas ao modo de funcionamento do inconsciente.

A regrediência, para Botella e Botella (2003), seria tanto um estado psíquico quanto um movimento em devir; uma forma de funcionamento psíquico que se manifesta abertamente durante o sonho, mas que está também em permanente atividade; um potencial de transformação presente em cada momento da vida, inclusive a diurna. Sua dinâmica é original; faz emergir o acontecimento que constituiu o sexual primordial, podendo incluir simultaneamente todos os elementos presentes num momento dado. Em um mesmo movimento, a regrediência pode provocar inúmeras novas ligações, criando assim novas causalidades. Essas ligações podem se referir às mais originárias, em que se encontra o sedimento de um procedimento primordial da vida psíquica, aumentando assim as possibilidades de compreendê-la.

³⁹ A regressão no sentido freudiano pode ser: 1. A tomada em sentido tópico em que a regressão opera-se ao longo de uma sucessão de sistemas psíquicos que a excitação percorre seguindo determinada direção; 2. No sentido temporal, a regressão supõe uma sucessão genética e designa o retorno do indivíduo a etapas ultrapassadas do seu desenvolvimento (fases libidinais, relações de objeto, identificações, etc.); 3. No sentido formal, a regressão designa a passagem a modos de expressão e de comportamento de nível inferior do ponto de vista da complexidade, da estruturação e da diferenciação do indivíduo.

Portanto, Botella e Botella (2003) afirmam que o termo regressão não traz a ideia de um processo de construção. A análise possibilita um pensamento regrediente, isto é, utiliza a capacidade de *reverie* do analista e tem o efeito de abrir a mente do analisando para os estados afetivos infantis em zonas não representáveis. Não é uma interpretação de algo que já esteja lá, mas sim, criação. Criação que, como foi mencionado acima, retoma o sexual primordial.

Para Diatkine (2001), “a regressividade traz o evento que constituiu o sexual primordial. É por isso que a figurabilidade é o único meio de acesso possível às zonas psíquicas irrepresentáveis do paciente”⁴⁰ (p. 1112). Assim o paciente, em análise, parece adquirir a potencialidade de um acesso a recônditos, até então, pouco explorados. Vale dizer que há um sentido de convicção nesse acesso. É Diatkine (2001) quem irá ponderar: “a regrediência é uma ‘acentuação’ da regressão formal a que se somaria a ‘convicção’ na realidade ‘material’ do que é, no entanto, apenas a representação”⁴¹ (p. 1111).

Dessa forma, é possível posicionar a regressão formal ao aparelho psíquico. Isso porque “desdobra-se e especifica-se o Campo da regressão formal, tentando liberá-lo de formas primitivas de expressão e o ancorando à marcha atrasada de excitação no aparelho psíquico” (Beetschen, 2001, p. 1242). Para o autor, é desta excitação que surgirá o trabalho de figurabilidade.

Sobre o sexual primordial, Beetschen (2001) também irá ponderar que ele é acessado, pelo paciente, a partir de um trabalho em que o analista está criativamente aberto a uma tecelagem de representações: na escuta, desenrolam-se fios de pensamentos comuns, permeados por falhas e acidentes na linguagem, de onde um interdito será revelado. Vale dizer que o autor enfatiza que esse movimento de regrediência implica, no analista, um estado de receptividade, que pode ser considerado falha ou acidente de pensamentos comuns, deixados de lado na escuta associativa.

Ao paciente lhe afigura, assim, um esclarecimento específico sobre seu inconsciente/psiquismo:

⁴⁰ Tradução da autora. No original: “La régrédience fait émerger l’événement qui a constitué le sexual primordial. C’est pourquoi la figurabilité est le seul moyen d’accès possible aux zones psychiques irreprésentables du patient”.

⁴¹ Tradução da autora. No original: “La régrédience est une ‘accentuation’ de la régression formelle à laquelle s’ajouterait la ‘conviction’ en la réalité ‘matérielle’ de ce qui pourtant n’est que représentation”.

Essa figurabilidade oferece uma espécie de acesso direto ao sexual primordial, para ver sem entender, para memória sem memória. Acesso direto às condições do representável e a uma inevitável complicação da linguagem. Acesso direto ao "sonho em si", que pareceria um sonho completo em pleno dia⁴² (Beetschen, 2001, p. 1247).

Desta feita, sabe-se que a regrediência pode se dar em vigília e que ela está no limite e no encontro do sonho. Assim como Beetschen (2001), Guillaumin (2001) evoca as associações entre o trabalho regrediente e o sonhar. Para o autor, existe uma semelhança da regrediência, no trabalho psicanalítico, com o trabalho do sonho, na medida em que ambos atuam como local de encontro para condensar a energia retida no processo de figurabilidade.

A partir do modelo do sonho e pelo estado de regrediência (Botella & Botella, 2003) que o constitui, pode-se descrever o funcionamento psíquico levando em conta duas características fundamentais: a *heterogeneidade* dos componentes e a *simultaneidade* que existe em um dado momento. A partir deste estado *regrediente de simultaneidade heterogênea*, produz-se um movimento para convergir todos esses elementos em uma única unidade inteligível. Seria o princípio de “*Convergência-Coerência*” que faz parte do princípio do prazer, teorizado por Freud.

Este estado de regrediência é buscado, pelo analista, a partir de um primeiro passo, chamado de “atenção flutuante”. Considerada como uma primeira regressão, a atenção flutuante deixa livre seu inconsciente que pode ser tomado pelas formas de funcionamento semelhantes aos mecanismos do trabalho do sonho: condensação, deslocamento, elaboração secundária e figurabilidade.

É necessário então que o analista aceite passivamente que se produza nele uma acentuação na regrediência de uma forma que o surpreenda, de uma forma que seu psiquismo alcance uma regressão formal do pensamento, chegando ao quase-alucinatório de um trabalho de figurabilidade diurna. Isto acontece como uma reação do psiquismo do analista, um sobreviver psíquico frente a um negativo de trauma do paciente, um irrepresentável desorganizador e destruidor. Sem figurabilidade, o analista poderia sentir-se invadido ou pela paralisia psíquica ou por afetos violentos, positivos

⁴² Tradução da autora. No original: “Cette figurabilité régrédiente semble, à vous lire, offrir une sorte d’accès direct au sexuel primordial, au voir sans comprendre, à la mémoire sans souvenir. Un accès direct qui shunterait les conditions du représentable, tout comme l’inévitable complication du langage. Un accès direct au ‘rêve en soi’, dans ce qui apparaîtrait comme un rêve en plein jour”.

ou negativos; podendo ser produzida uma contratransferência incontrolável (Botella & Botella, 2003).

Para se pensar neste estado necessário ao surgimento da figurabilidade, Freud, no texto *Construções em análise*, o descreveu como sendo uma sensação quase-alucinatória para dizer das imagens que vinham impregnadas com um senso de convicção e um senso de verdade. No entanto, a questão da alucinação, abordada por Freud (1937/1996), é muito ampla para ser reduzida a um domínio apenas das patologias. Alguns autores, como Bion (1988), despertaram para o assunto; a investigação deste se tornou interessante quando ele e outros autores conseguiram pensar sobre a ligação entre a alucinação e a intuição analítica (Botella & Botella, 2003).

Conforme explicitado nos artigos analisados, ao psicanalista em seu trabalho analítico habitual, interessa aquilo que os autores consideram como *acidentes* ocorridos no curso de seus pensamentos em associação livre, interessam as rupturas facilitadas pela regressão dos mesmos. Um estado de mente quase-alucinatório é necessário para que aconteça a figurabilidade, possibilitando assim, o acesso ao conteúdo inconsciente a ser analisado na sessão de análise, que muitas vezes não se apresenta pelo caminho habitual de se retomar as memórias e ideias.

Para o estudo da figurabilidade, como vimos nos artigos analisados, considerando essencialmente pacientes não psicóticos, busca-se um estado alucinatório regressivo, como nos sonhos noturnos, só que fora do estado psíquico de sono. Para Botella e Botella (2003), isso é possível porque, na hipótese deles, existe uma aptidão normal de nossa psique para a expressão alucinatória, como nos sonhos noturnos, mas algo que é permanentemente restringido para a manutenção do princípio de realidade. Para esses autores, a capacidade alucinatória não é a consequência de uma rejeição ou uma ‘abolição do interno’, mas uma capacidade regressiva do pensamento aparente, para uma forma primitiva do aparelho psíquico.

A respeito deste alucinatório, e de um funcionamento primitivo, existem duas ideias principais: a primeira está relacionada a uma alucinação primitiva, na qual prevalece um objeto de percepção; a segunda mantém os desejos inconscientes e se dirige a uma realização alucinatória. Os autores aceitam as duas ideias. Mas, além disso, para eles não é suficiente dizer que o desejo vai em direção a uma realização alucinatória – o mais exato é considerar que o alucinatório é constituinte de uma parte do desejo inconsciente, uma parte não-representável (Botella & Botella, 2003).

Para exemplificar, recorreremos a Falcão (2016): se um comportamento é apresentado em sessão de forma que ele pareça ser natural ao analisando, estando a dupla nesta atividade alucinatória, este mesmo comportamento poderá ser usado, independente do seu conteúdo. Para a autora, essa seria uma função desse estado alucinatório: a utilização de um material que, de outra forma, seria apenas ordinário.

Importante ponderar ainda que, conforme os autores consultados nesta pesquisa, existe uma vocação do sexual primordial para uma realização alucinatória interna – isso se torna uma função do estado alucinatório. Assim, a complexidade adquirida do psiquismo é um resultado de todas essas elaborações do mundo interior (Green, 2001).

Resta dizer, conforme a apresentação dos artigos, que a qualidade principal do alucinatório, no trabalho da figurabilidade, é a sua atemporalidade⁴³ – resguardada por Freud (1937/1996) como uma característica do inconsciente, pertencendo a uma tendência alucinatória de um desejo inconsciente *em si*.

Foi necessário dar atenção a esses elementos, no percurso aqui apresentado, pois eles são centrais à dupla no *setting*. O estado de regrediência em um alucinatório está dentro do funcionamento psíquico que ocorre na clínica. Por meio desses processos, aqui esmiuçados, a análise funciona, ou seja, o psicanalista pode acionar, por meio da figurabilidade, nesse estado regrediente, um material inconsciente antes não-representável, fazendo impulsionar a análise e tornando o processo terapêutico mais eficaz e profícuo.

Percorridas essas explicações teóricas sobre o funcionamento psíquico, juntamente com seus concernentes estados mentais, a regrediência e o alucinatório, apresenta-se a seguir, as funções e implicações da figurabilidade na clínica psicanalítica. Para tanto, segue apresentação de dois casos, que são considerados exemplos modelos⁴⁴, para enfim, chegarmos aos exemplos clínicos encontrados no escopo da pesquisa.

3.2.2 Figurabilidade: funções e implicações na clínica

As funções exercidas pela figurabilidade são variadas. O fenômeno, quando ocorrido nas sessões de análise, pode propiciar o início de um trabalho analítico, indicar

⁴³ Atemporalidade para a psicanálise diz respeito à principal característica do inconsciente, que é não ser regido pelo tempo cronológico do consciente, ou seja, os fenômenos são vividos e experimentados em uma sequência de tempo subjetivo, que tem a ver com cada indivíduo.

⁴⁴ Os exemplos clínicos aqui apresentados serão retomados de forma aprofundada na sessão seguinte deste trabalho.

caminhos e possibilitar novas aberturas, contribuindo assim para a progressão do processo analítico. Como forma de ilustrar o uso da figurabilidade na clínica psicanalítica, apresenta-se, primeiramente, os dois exemplos modelos. O primeiro advém de Botella e Botella (2002) e o segundo de Falcão (2011).

Para melhor visualizar a ocorrência e as implicações do uso da figurabilidade nos exemplos clínicos selecionados, construiu-se uma tabela para a apresentação sintética, caso a caso. Isso se fez necessário por considerar que as subjetividades no trabalho clínico têm características específicas e notadamente singulares. A partir da tabela, fez-se a apresentação das funções da figurabilidade, também caso a caso, elaborando algumas conclusões que cada exemplo permitia.

Os exemplos foram selecionados para ilustrar o surgimento da figurabilidade na clínica e como ela pode ser utilizada, em suas diferentes manifestações, para possibilitar e impulsionar o tratamento analítico. Os textos analisados em língua inglesa, com a tradução feita pela própria autora, foram: caso Boris (Perelberg, 2015), caso Erin (Levine, 2012), caso Lucas e caso não nomeado (Birksted-Breen, 2016). Os demais casos retirados dos artigos em português foram: caso Thomas e M.A. (Botella & Botella 2002, 2003), caso Maria (Lisondo, 2010) e caso João (Falcão, 2011).

3.2.2.1 Exemplos modelos

Em Botella e Botella (2002), há um caso emblemático. De acordo com os autores, o paciente Thomas, de quatro anos, diagnosticado como autista, fora submetido a várias hospitalizações e intervenções cirúrgicas até seus 20 meses de idade. Com um desenvolvimento lento, pronunciava apenas algumas palavras, pouco inteligíveis. Os autores explicam que o menininho descrito pelos pais como autista apresentava um comportamento de uma criança afetuosa, entusiasmada pelo outro, que abandonava rapidamente o adulto para ficar em seu “canto calmo”, “nem arredio, nem ausente”, contemplando o mundo (Botella & Botella, 2002, p. 28).

A atividade preferida do paciente Thomas era a produção de sons. O garoto batia objetos duros contra superfícies duras, gritando:

- Crra... Crra!

Com a impetuosidade de uma nova esperança, ele se apodera de um tubo de cola, o qual cheira com paixão, como um toxicômano (...). Outras vezes, à

procura de um raio de sol, deita-se sobre a mesa e os recebe de olhos abertos, sem nem mesmo piscar. (Botella & Botella, 2002, p. 28).

No final das sessões, no momento da separação, Thomas manifestava angústias de despersonalização que se caracterizava por um processo intenso de dissociações e um ego clivado (Botella & Botella, 2002). Ele fora uma criança que vivera seus primeiros tempos em um hospital. Os barulhos, os cheiros e o brilho da luz buscados e experimentados nas sessões de análise serviriam para que ele pudesse retomar essas primeiras memórias do tempo das internações hospitalares, como ponderam os autores.

Os autores creem, no caso do garoto Thomas, na existência da realidade material e objetiva – por meio do odor, brilho da luz, barulho, etc. – que, embora existentes, não alcançavam a luz da representação psíquica para o paciente, ficando apenas no que eles denominavam de “puros elementos sensoriais”. Daí advinham as angústias de despersonalização e o indefinido não alívio do paciente.

O fato é que, “diante da criança pálida, imóvel, com o olhar desvairado, a própria imagem do terror”, à analista (Botella & Botella, 2002) ocorre a imagem de um lobo e esta pergunta a Thomas: “crra...crra! Você tem medo do lobo? ”. Os autores complementam:

Desesperado, Thomas lhe faz sinal para parar, mas sua confusão desaparece e ele pode ir embora. No encontro seguinte, no momento da separação, Thomas não está mais despersonalizado; corre pelo corredor e, querendo assustar todo mundo, urra: crra... crra... o lobo? (2002, p. 29).

A partir deste exemplo, pode-se perguntar: o que a analista fez? Segundo os autores, a figura do lobo que ocorreu à analista foi ao mesmo tempo uma representação daquela angústia não representável e também possivelmente uma forma expressiva do medo que aquela criança sentia. O que a analista fez foi interpretar para a criança o objeto do seu afeto.

Assim, foi pela imagem, pela figurabilidade, que o mundo da não-representação, que assolava Thomas e que era também ameaça terrível e iminente à analista, foi apresentado para ser elaborado. O lobo funcionou, como explicam Botella e Botella (2002), como um conto, que desperta “a figuração da criança”, “carregada de pulsionalidade”. Desta feita, no pequeno menino, diminui-se a “pressão desorganizadora” que lhe provocava sofrimento; “do terror à figurabilidade, do pesadelo

da noite ao conto do dia, o desamparo fundamental, o da não-representação, é atacado vivamente”. (Botella & Botella, 2002, p. 31).

Portanto, este exemplo evidencia que a figurabilidade propiciou a saída possível para o processo analítico. O barulho, o urro, o grito, as garras, o devorar e o espanto de um lobo – encenado a partir de um fluxo de sensações que ocorreu à analista – se tornaram o conto que foi a saída para o diálogo possível. Botella e Botella (2002) afirmaram: foi aí que “o ego minado do analista encontrou solução”.

O outro exemplo paradigmático foi apresentado em Falcão (2011), e refere-se ao paciente nomeado por João. A autora inicia o artigo com a apresentação do caso clínico: “paciente adulto e muito tímido, com relações sociais restritas e graves dificuldades nos relacionamentos íntimos. Apresenta um diagnóstico de personalidade neurótico-obsessiva e raramente traz sonhos para a sessão” (p. 91).

Após o estabelecimento de uma transferência positiva com a analista, João relatou um sonho: “está deitado e tem medo de uma aranha; fica paralisado e não consegue mexer nenhuma parte do corpo; acorda muito assustado pensando que isso poderia ter acontecido”. A analista, num rompante, sem pensar, perguntou-lhe o que nele seria parecido com a aranha e ao mesmo tempo falou sobre o “veneno que a aranha teria lhe injetado e o teria imobilizado” (p. 91). A analista sentiu-se mal e culpada, ao perceber que o paciente não havia falado “veneno”. Entretanto, a partir desse acontecimento foi possível compreender que o paciente se identificava com a mãe que mata, ou seja, para o paciente, em fantasia, quem possuía o veneno era a mãe. O “veneno” foi um *flash* alucinatório que não passou pela imagem, mas diretamente pelo ato da analista, ou seja, esta foi uma figurabilidade direta, atuada.

Com o exemplo clínico de João, percebemos que esta figurabilidade ocasionou uma nova inteligibilidade de causas inconscientes que, até então, não eram percebidas no tratamento, dando, ao paciente e à analista, a possibilidade de terem acesso ao material que ainda lhes era inacessível, o que favoreceu novas aberturas ao processo analítico.

Esses dois casos clínicos foram apresentados, como já dito, para ilustrar a clínica psicanalítica usando o recurso da figurabilidade e suas conseqüentes implicações. Passamos assim, para a apresentação dos exemplos clínicos encontrados nos artigos selecionados para a presente pesquisa.

3.2.2.2 Exemplos clínicos

Tabela 2

Síntese dos casos e implicações

	Autor (es)	Síntese do caso / figurabilidade	Implicações
01	<p>Botella e Botella (2002):</p> <p>Caso Thomas (4 anos)</p>	<p>- Criança com o diagnóstico de espectro autista. A queixa é a despersonalização ao final das sessões, no momento da separação.</p> <p>- Figurabilidade: a analista “vê” a imagem de um lobo e, imitando o bicho, pergunta a Thomas: “Você tem medo do lobo?”.</p> <p>- A analista dá à sua figurabilidade a coerência de um jogo – é o lúdico adaptado ao <i>setting</i> com crianças.</p>	<p>- Com a figurabilidade visual e atuada (imitação do lobo pela analista) em sessão, desaparecem as angústias de despersonalização do paciente, abrindo-se para um diálogo possível e propiciando o início de um trabalho analítico.</p> <p>- Thomas, que respondia a poucos estímulos, passou a ser mais responsivo.</p>
02	<p>Botella e Botella (2003):</p> <p>Caso M.A.</p>	<p>- M.A., desesperado e pensando em suicídio, narra seu pesadelo recorrente: ele vê voarem aviões, dos quais um se espatifa.</p> <p>- Figurabilidade: o analista, sob o impacto de grande tensão, em várias ocasiões e de maneira fugidia, se “vê” criança em perigo durante a guerra. Percebe M.A. dizendo seguidamente: “eu não vejo mais nada” e intervém com pontuações como “eu entendo”, “eu entendo”.</p> <p>- Na sessão seguinte, M.A. relata um sonho: ele está no alto de uma torre e, ao ver uma menina empurrada por um asno, ele a salva.</p> <p>- Caminhou-se, assim, da “criança perdida na guerra” à criança salva pelo próprio analisando, à beira do precipício. É um diálogo de sonhos entre a dupla (em continuidade anímica).</p>	<p>- A figurabilidade do analista apreendeu de forma imediata o desespero do analisando que, ao mesmo tempo não deixou que ele fosse invadido pela violência dos afetos de uma recordação traumática de sua própria infância.</p> <p>- A compreensão/contenção do analista estimula a figurabilidade no paciente: o sonho, contendo restos diurnos da entrevista.</p> <p>- A figurabilidade do paciente e o recontar do sonho propiciou o desaparecimento de seu estado de agudo desespero (pensamento de suicídio), possibilitando o início do trabalho analítico.</p>

	Autor (es)	Síntese do caso / figurabilidade	Implicações
03	Lisondo (2010): Caso Maria	<p>- Maria chega atrasada à sessão e, com atitude hostil, briga e desqualifica a analista.</p> <p>- Figurabilidade: à analista, em <i>flash</i> onírico, vem a imagem da ilha da Inglaterra, com uma enorme distância do continente.</p> <p>- A adolescente se acalma e revela que sua mãe havia viajado para a Inglaterra, onde ficaria por um ano para completar a tese que vinha escrevendo.</p>	<p>- A analista intui (tem uma <i>reverie</i>) o drama da paciente antes mesmo de ele ser mencionado; indicando caminhos para o processo analítico.</p> <p>- A intuição da história de traumas da paciente e do uso da máscara da catástrofe primitiva, leva a analista a acolher a paciente e falar de sua disponibilidade, o que acalma a adolescente e permite a continuidade do tratamento.</p>
04	Perelberg (2015): Caso Boris	<p>- Boris relata um sonho: estava cercado por vidro e não podia tocar as pessoas em volta.</p> <p>- Figurabilidade: ao analista, em estado imobilizador e angustiante, provocado pela narrativa do paciente, ocorre a imagem de “uma incubadora de vidro azul”.</p> <p>- O analista verbaliza ao paciente que estava pensando em um bebê dentro de uma incubadora, em relação ao sonho.</p>	<p>- A figurabilidade visual do analista, verbalizada, levou o paciente a buscar informações sobre sua vida.</p> <p>- A reapropriação da história do nascimento favoreceu a elaboração de traumas e a progressão do tratamento analítico.</p>
05	Levine (2012): Caso Erin	<p>- Erin, em meio a fortes reações, pela interrupção de sessões, de forma impulsiva, pergunta ao analista se os seus olhos eram azuis. Ou seja, a paciente vê (imaginar) por meio do analista, os olhos azuis de sua mãe (figurabilidade visual).</p> <p>- Figurabilidade atuada: o analista, de maneira não usual e de forma espontânea, conta a história de sua própria infância.</p> <p>- Outro momento: a imagem de uma infância árida surge na mente do analista como pano de fundo aos ataques de pânico da paciente.</p> <p>- O pensamento do analista se volta para um conto de infância, intitulado “<i>Li'l Abner</i>”, com seus amáveis animais ‘<i>schmoos</i>’, possibilitando outros relatos de sua própria infância e desenvolvendo na dupla um diálogo com memórias de amor e perda.</p>	<p>- A figurabilidade da paciente introduz a figura da mãe no <i>setting</i> analítico e aciona o analista à contação de histórias, talvez também pela imagem da infância árida.</p> <p>- A figurabilidade atuada do analista (colocar sua história pessoal em causa na sessão) indica a co-participação do analista no processo analítico, estabelecendo entre a dupla, uma comunicação inconsciente.</p> <p>- A figurabilidade do analista referente à infância árida da paciente leva a dupla a conversar sobre “perdas irrevogáveis”.</p> <p>- As figurabilidades da paciente e do analista propiciaram a evolução do processo analítico.</p>

	Autor (es)	Síntese do caso / figurabilidade	Implicações
06	Birksted-Breen (2016): Caso não nomeado	<p>- O paciente, após uma longa e não usual interrupção das sessões, chega em pânico, dizendo que está ocorrendo um incêndio próximo à casa do analista; insiste que a situação é perigosa e que o psicanalista deve ligar para a polícia e para o corpo de bombeiros. Por um momento, para a dupla, não se tratava de um sonho ou de uma realidade psíquica, mas de uma realidade externa.</p> <p>- O analista fica paralisado pela ansiedade do paciente, mas consegue não se levantar da cadeira, na tentativa de digestão do bombardeio (imagem do fogo).</p> <p>- O analista precisou saber que poderia existir, em fantasia, fogo no consultório e que não existia, de fato, fogo em sua casa, para então, acolher e transformar a turbulência emocional do paciente.</p>	<p>- A figurabilidade, apresentada apenas pelo paciente, levou a analista a figurar o que o paciente queria comunicar com o pânico: um bombardeio emocional.</p> <p>- O analista entendeu que não se tratava de uma situação concreta, mas que o <i>setting</i> estava possibilitando, em um espaço de sonho/devaneio, a realidade psíquica do analisando.</p> <p>- A continência da analista, advinda de sua figurabilidade, faz a reparação do sentimento de perda (das sessões) do paciente, o que o deixa em um estado de mente calmo, permitindo assim, a continuidade da análise.</p>
07	Birksted-Breen (2016): Caso Lucas	<p>- A analista, enquanto ouve Lucas em seu discurso intelectual, repetitivo e sem emoção, subitamente “vê”, nas dobras do casaco do paciente, um leão (ou pantera) deitado em seus quadris e olhando direto para ela. A imagem parece real e nítida permanecendo por várias sessões, só com esse paciente, até desaparecer, mas a analista nada comunica ao paciente.</p> <p>- O estado da sessão demonstra que a análise em si parece desconectada de todo o resto: o analisando em seu discurso fluente, mas indiferente. E a analista experimenta uma sensação de frustração e espera.</p> <p>- Poucos meses mais tarde, Lucas relata um sonho: estava deitado na cama com sua esposa e um leão, pesado e sufocante, dormia em seu ombro, enquanto um guepardo, no chão, olhava para ele. Lucas associa o leão ao pai e o guepardo à mãe; para ele, os pais eram figuras assustadoras, como os animais, e estavam propensos a comportamentos violentos e imprevisíveis.</p>	<p>- A figurabilidade da analista provoca uma série de questões em sua mente: que espécie seria, qual o sexo do animal ou se Lucas seria um paciente com lado animal. Mas, assim como o bicho, fica paralisada, curiosa, esperando alguma coisa acontecer no <i>setting</i>.</p> <p>- A figurabilidade da analista antevê o que estava acontecendo no inconsciente do analisando, que teve representabilidade no sonho: a relação fantasiosa com os pais impossibilitava a elucidação da cena primária.</p> <p>- O sonho do paciente, e o recontar do mesmo, possibilita um contato que toca Lucas emocionalmente, relibidinizando a situação analítica ‘morta’ e abrindo possibilidades para o processo analítico.</p>

	Autor (es)	Síntese do caso / figurabilidade	Implicações
08	Falcão (2011): Caso João	<p>- João narra um sonho em que está deitado e tem medo de uma aranha; fica paralisado e acorda muito assustado pensando que isso poderia ter acontecido. Na sessão seguinte, ao continuar o assunto, a analista pergunta o que nele seria parecido com a aranha, falando do ‘veneno’ que ela lhe teria injetado e o teria imobilizado.</p> <p>- No mesmo instante, a analista sente-se mal e culpada ao perceber que o paciente não havia nem sequer mencionado a palavra ‘veneno’.</p>	<p>- A figurabilidade da analista foi um <i>flash</i> alucinatório e onírico que não passou pela imagem, mas diretamente pelo ato da analista (de pronunciar).</p> <p>- Esta figurabilidade, atuada, da analista introduz uma palavra-afeto (“veneno”) que desencadeia um movimento e permite examinar uma série de fantasias e associações, levando o analisando a sair de uma situação tóxica da relação com a mãe, favorecendo assim novas aberturas ao tratamento analítico.</p>

Na tabela 2, no primeiro exemplo, caso Thomas, podemos perceber como funções da figurabilidade: promover um acesso ao psiquismo do analisando e possibilitar à analista uma provável clivagem em seu próprio ego. Se, ao final das sessões, a criança saía da análise com angústias de despersonalização, ou seja, um processo intenso de dissociações e um ego clivado, isso impossibilitava a comunicação na análise e ameaçava o ego da analista. Após o acontecimento da figurabilidade, atuada na sessão, a criança, conseguindo se comunicar por meio da imagem do lobo, mostra-se mais afeita ao diálogo e sua angústia se atenua. Além disso, Thomas, que era também um menino que respondia a poucos estímulos, passou a ser mais responsivo. Este exemplo apresenta a figurabilidade ocorrida à analista em um estado de regrediência, imbuída de afeto. A figurabilidade se configurou como único meio de acesso ao inconsciente de uma criança com espectro autista e possibilitou o início do tratamento analítico.

No caso 02, M.A., a figurabilidade teve como função tentar conter e compreender o desespero do analisando e proteger o analista da invasão dos afetos desencadeados por uma recordação traumática. Outra função importante foi promover a repetição, recordação e elaboração. O sonho da torre, e o seu recontar, propiciou o desaparecimento de um desespero agudo no analisando (pensamento de suicídio). A figurabilidade do analista (criança em perigo na guerra) apreendeu de forma imediata o desespero do analisando, mas ao mesmo tempo não deixou que ele fosse invadido pela violência dos afetos de uma recordação traumática de sua própria infância. A continuidade anímica entre a dupla produziu um efeito em M.A.: o paciente, ao relatar o

sonho, experimentou um forte sentimento de estranheza e se despersonalizou, pelo desenfreado movimento regrediente. Assim, uma vez que essas figurabilidades ocorreram nas duas primeiras sessões, M.A pôde iniciar o tratamento clínico. Dentre os exemplos desta pesquisa, foi o primeiro caso ocorrido com a dupla. Foi um trabalho de figurabilidade partilhada que se produziu em dois lugares e em dois tempos: iniciou-se com a figurabilidade do analista na primeira entrevista e se completou com a do paciente, ao narrar o sonho na próxima sessão. Este foi um exemplo de figurabilidade ocorrida à dupla analítica pela forma do trabalho onírico, imbuída de afeto e em estado de regrediência, num quase alucinatório.

No exemplo 3, caso Maria, a função da figurabilidade (*reverie*) foi desvelar a máscara da catástrofe primitiva e evidenciar a história de traumas da analisanda. A figurabilidade levou a analista a compreender a arrogância da paciente (que a havia desqualificado) como máscara da catástrofe primitiva. A imagem de uma Inglaterra demasiado distante do continente também permitiu compreender a história de traumas da analisanda (agora a adolescente teria de ser a ‘*menina-mulher-protetora do papai*’). A figurabilidade ocorrida à analisanda, em forma de flash onírico, imbuída de afeto e em estado de regressão formal do pensamento, indicou para a analista os caminhos a seguir no processo analítico.

Para o caso 4, Boris, a figurabilidade teve como função a reapropriação de uma experiência infantil – a do nascimento –, que ganhou representação e pôde ser elaborada na sessão. A figurabilidade da incubadora, percebida pelo analista e verbalizada ao paciente, permitiu ao analisando buscar informações novas acerca de sua vida. Isso porque, depois da sessão em que a figurabilidade ocorreu, em uma conversa com sua mãe, o analisando tomou conhecimento de que havia ficado três semanas em uma incubadora, pois, quando nasceu, sua mãe esteve doente. Essa história teria sido diferente da que foi contada a ele pelo seu pai. Segundo o pai de Boris, ele teria sido levado para casa, enquanto sua mãe ficou no hospital por duas semanas. Assim, a figurabilidade ocorrida ao analista pela forma do trabalho onírico propiciou a elaboração de traumas, favorecendo a progressão do tratamento analítico.

No exemplo 05, caso Erin, as figurabilidades tiveram como funções: fazer emergir a criança analítica no *setting*, evocando a repetição, recordação e elaboração, para possível representação de traumas de infância. As implicações clínicas se deram no sentido de a figurabilidade ter introduzido a ‘mãe’ no Campo analítico, refletida em uma memória amorosa e significativa. A história “*Li'l Abner*” – ao desencadear, na dupla,

memórias de amor e de perda – representou um suporte estrutural importante para solidificar as bases representacionais do prejudicado funcionamento psíquico de Erin. O analista, em co-participação no trabalho psicanalítico, ajudou a fortalecer as capacidades representacionais da paciente, fazendo emergir, e ser representadas, memórias da infância de Erin. A figurabilidade, ocorrida na dupla, pela forma do trabalho onírico, imbuída de afeto, desencadeou representação em ambos. O que favoreceu, assim, o desenvolvimento do processo analítico.

Para o caso não nomeado, número 6, as funções das figurabilidades foram: evidenciar o estado da sessão, promover uma apresentabilidade da turbulência emocional do analisando e provocar a continência do analista. A figurabilidade apresentada pelo paciente – que chegara em pânico e muito ansioso no consultório – se configurou pela referência a uma ideia de perda (das sessões), apresentada sob a imagem das chamas, como em um incêndio. O analista precisou saber que poderia existir, em fantasia, fogo no consultório e que não existia, de fato, fogo em sua casa, para que a sessão pudesse continuar. Ao figurar a apresentabilidade do analisando, o analista compreendeu que não se tratava de uma situação concreta, mas de uma turbulência emocional que, ao ser contida e transformada pela sua mente, conseguiu possibilitar ao paciente um estado de mente calmo, significando, possivelmente, que o sentimento de perda foi reparado. Assim, o trabalho analítico pode prosseguir.

Este exemplo clínico apresenta figurabilidades ocorridas na dupla analítica, ambas imbuídas de afeto. A figurabilidade do analisando se deu pela forma do trabalho onírico, em um estado de regressão formal do pensamento e a figurabilidade do analista ocorreu pela forma da expressão.

No exemplo 7, caso Lucas, a figurabilidade da analista teve como função evidenciar o estado de sessão; promover uma linguagem na sessão que se refere a um inconsciente e desencadear no analisando a produção de um sonho acordado. A figurabilidade da analista que “vê” o animal no casaco do analisando, por várias sessões, imóvel e olhando direto para ela, promove em sua mente uma série de questionamentos. E, imitando a postura que o bicho sonhado lhe apresenta, decide aguardar para intervir ou interpretar. Quando o analisando traz o sonho e faz as associações com seus pais, a analista compreende que a figurabilidade, ocorrida meses antes, se referia ao que estava acontecendo no inconsciente de Lucas. No sonho o leão dorme pesadamente em seu ombro, enquanto um guepardo o observa na cama. O paciente, em suas associações, ligou o leão ao pai e o guepardo à mãe. Para o paciente,

os pais eram pessoas realmente assustadoras, como os animais, e estavam propensos a comportamentos violentos e imprevisíveis. O pai, em quem os sentimentos eram projetados, possivelmente estava impedindo uma cena primária de tomar seu lugar. O recontar do sonho tocou emocionalmente o paciente que, conseguiu assim, representar sua relação fantasiosa com seus pais. A situação analítica “morta”, e sempre à espera, foi relibidinizada, possibilitando a progressão do tratamento analítico.

Para este caso clínico, se fizermos uma observação mais acurada, pode-se perceber uma variação na forma de ocorrência da figurabilidade da analista: pela forma do trabalho onírico – ela vê o bicho no casaco – e pela forma da expressão – em um discurso repetitivo e sem emoção do paciente representado pelo bicho deitado.

No último exemplo, o número 8, caso João, a figurabilidade da analista teve como função desencadear um movimento de transformação de uma moção pulsional, um movimento da ordem do id. O ato da analista de pronunciar a palavra ‘veneno’, permitiu ao analisando examinar: suas fantasias destrutivas em relação à própria esposa; sua identificação com o pai e a necessidade de estar com ela; e, enfim, a identificação com a mãe que possuía o ‘veneno’ que mata. Todos esses materiais ainda lhe eram inacessíveis. A figurabilidade favoreceu, assim, novas aberturas ao tratamento analítico.

3.3 Síntese do conhecimento

Com a análise dos casos, foi possível observar, como primeiro resultado deste estudo, que a figurabilidade se manifesta quando imbuída pelo afeto ou em meio a fortes emoções na sessão. Daí a necessidade de se considerar as emoções e todos os acontecimentos no *setting*, oriundos tanto do analisando quanto do analista. Vale destacar, que para o caso Lucas, foram justamente as emoções e afetos represados que provocaram a figurabilidade na analista. De qualquer forma, para se considerar o fenômeno da figurabilidade é necessário a co-participação do analista no processo analítico.

Outro resultado, a partir dos casos aqui apresentados, foi que os tons e ritmos de fala foram determinantes para a ocorrência da figurabilidade. Isso porque ora a figurabilidade advém de uma dificuldade expressiva de um garoto de quatro anos que, silencioso, não dialogava a não ser com um lobo *performatado* pelo analista; ora de grande tensão (como no caso M.A.); ora de arrogância (caso Maria); ora de uma

angústia (caso Boris); ora de impulsividade e de pânico (caso Erin e caso não nomeado); ora do tom moroso e intelectualizado (caso Lucas) e ora de medo (caso João).

Assim, infere-se que a figurabilidade pode ocorrer ao analista a partir da compreensão dessa forma (ritmo) com que o paciente se expressa, daí a importância do analista estar atento ao ritmo de fala do analisando. No caso Maria, o ritmo de fala arrogante possibilitou à analista a figuração da situação traumática da paciente. No caso Lucas, a figurabilidade mesclada pelo trabalho onírico (imagem do bicho) e pelo ritmo moroso de fala do paciente mobiliza o trabalho mental da analista e indica uma atitude de espera. Já no caso não nomeado, o estado de pânico do analisando levou a analista a figurar sua turbulência emocional. Nesses três exemplos, a figurabilidade ocorreu pela forma da expressão.

Nos outros casos, a figurabilidade ocorreu pela forma do trabalho onírico: no caso João, em *flash* alucinatório, atuada pela analista; no caso Thomas, em estado de regrediência no analista; no caso Boris, no analista em *flash* onírico e em estado de regressão formal do pensamento. Já para os casos de Erin, M.A e no caso não nomeado, foi possível constatar exemplos de figurabilidade ocorrida na dupla analítica.

A análise dos resultados, a partir dos exemplos corrobora com a teoria explicitada nos tópicos anteriores deste trabalho, ou seja, a figurabilidade pode ocorrer tanto no analista quanto no analisando, pode aparecer em forma de percepções auditivas (como no ruído do lobo), em forma de fixações de palavras (como na palavra “veneno”), e em maior frequência em forma de imagens visuais. Dentre essas, destacamos: uma criança em perigo na guerra e uma menina na torre quase a se jogar (Botella e Botella, 2002); uma Inglaterra demasiadamente distante do continente (Lisondo, 2010); um bebê em uma incubadora azul (Perelberg, 2015); uma imagem de uma infância árida, os olhos azuis da mãe e os personagens do conto *L’Abner* (Levine, 2012); um incêndio pronto a fazer ruir a casa do analista (Birksted-Breen, 2016); panteras / leões (insistentes) no *setting* (Birksted-Breen, 2016).

Foi possível perceber também que a figurabilidade ocorre ora por *flashes* oníricos (caso Maria, com um *flash* da Inglaterra distante, e caso Boris, com o *flash* da incubadora azul), ora por imagens mais insistentes que se repetem durante o correr de várias sessões. O caso que mais demonstra essa insistência é o caso Lucas.

Para além da permanência da figurabilidade com o paciente de Birksted-Breen, caso Lucas, há outras situações clínicas – Botella e Botella (2003), caso M.A. e Levine (2012), caso Erin – que apresentam um prolongamento da figurabilidade por vários

encontros (e não apenas em um único *flash*). Como nesses casos a figurabilidade ocorreu para ambos – analista e paciente –, verificou-se que a figurabilidade não ocorreu em uma única e repentina vez, mas exigiu para isso uma continuidade anímica. Em relação ao exemplo trazido por Botella e Botella (2003), atentamos para o fato de que se parte de uma imagem de criança na guerra (ocorrida ao analista em uma sessão) e se caminha para um sonho (ocorrido ao analisando em outro encontro) de uma menina prestes a se jogar. Esse diálogo de sonhos recontados permitiu uma permanência da figurabilidade.

A mesma continuidade anímica ocorreu em Levine (2012), caso Erin: a paciente vê, no analista, os olhos azuis da própria mãe e, assim, em uma sessão, ela aciona o psicanalista para os temas da infância e, em outras sessões, para o conto infantil cuja figurabilidade atuada pelo profissional norteará a continuidade do tratamento psicanalítico.

Outro resultado significativo apresentado nos exemplos pelo uso da figurabilidade na clínica psicanalítica se refere à elucidação de traumas de infância, com ocorrência em quase todos os casos clínicos, dentre eles, Boris (trauma de nascimento), Erin (relação com a mãe), Lucas (relação com os pais), Maria (relação com a mãe), M.A. (relação com irmã bebê) e João (relação com a mãe).

Para os exemplos considerados, detectamos que a figurabilidade provocou ou promoveu variadas funções clínicas, dentre elas: a continência de afetos, condição necessária ao profissional psicanalista; a ampliação do sentido e da compreensão da transferência/contratransferência; um movimento de transformação de uma moção pulsional; a reapropriação de experiências de nascimento; a resignificação de traumas de infância; a solidificação das bases representacionais do funcionamento psíquico; a promoção do pré-consciente e do inconsciente, revelando o estado psíquico, associações, fantasias, identificações do paciente, aflorar a criança analítica, evocar a repetição, recordação, elaboração e promover uma comunicação inconsciente.

Assim, como valioso recurso técnico na clínica psicanalítica, a figurabilidade pode indicar um caminho a seguir no tratamento, bem como possibilitar a progressão do processo analítico, além de se constituir, para casos especiais, em único meio de acesso ao psiquismo do paciente (como no caso Thomas).

Desta feita, o estudo deste processo se mostra importante e muito vívido para a clínica, pois é pela figurabilidade que os caminhos da análise prosseguem, investidos de potencialidades recriadoras para pacientes e – por que não? – para psicanalistas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como intuito o estudo da figurabilidade, que pode ser tanto considerada como um fenômeno, quanto como um trabalho psíquico que ocorre entre duas subjetividades na sessão analítica, a saber, paciente e analista. A figurabilidade, trazida à tona no *setting*, imbuí o analisando de uma nova representação.

O objetivo da pesquisa foi apresentar os fundamentos teóricos para compreender o conceito de figurabilidade na teoria psicanalítica, bem como apreciar suas funções e implicações de sua prática no tratamento analítico. A partir de uma revisão integrativa da literatura, observamos que, apesar de ser um tema novo em estudos (poucos pesquisadores no Brasil refletiram sobre ele), alguns psicanalistas, especialmente franceses, têm se dedicado ao seu estudo e à sua prática. Daí a busca por pesquisas de estudiosos de diferentes países e variadas línguas.

Para a compreensão do tema e das linhas de sua definição, buscamos a fundamentação teórica de autores fundantes do Campo psicanalítico. Partindo de Freud caminhou-se por Melaine Klein (1946/1991), Winnicott (1982) e Bion (1988), dentre outros. Em Freud, encontrou-se a figurabilidade apenas referenciada em seu trabalho dos sonhos. Foi com Klein e Winnicott que o tema da figurabilidade aproximou-se da psicanálise. Klein, com a “criança analítica”, juntamente com Winnicott, com as relações “mãe-bebê”, provocaram a abertura para o espaço relacional, por si só potencial, o que levou a figurabilidade a ser alvo de pensamento, no meio psicanalítico.

Bion (1988), como um dos autores fundantes do Campo, provocou grandes modificações no modelo clássico da técnica psicanalítica. A partir de sua construção técnica do estado do analista de “não memória, não desejo e não intenção de compreender”, bem como o desenvolvimento do conceito de *reverie*, foi possível pontuar as fantasias, imagens, devaneios, enfim, todos os elementos do Campo psicanalítico. A partir das *reveries* pode-se propiciar a ocorrência da figurabilidade.

Ao nos aprofundarmos nos estudos, verificamos duas linhas essenciais para a compreensão do tema: uma que considera a figurabilidade como fenômeno, tendo como procedimento específico o trabalho onírico; e outra, que a considera como um trabalho psíquico natural, oriunda das formas de apresentação do pensamento, inclusive as criadas pelo trabalho do sonho. Apesar das nuances que podem indicar alguma diferença entre elas, essas linhas são semelhantes pois se originam de fonte comum e se destinam a finalidades comuns.

Dentre os autores partidários de uma linha, encontram-se: Botella e Botella, Quinodoz, Carels, Guillaumin, Chervet, Janin, Lisondo, Candi, Levine, Baudry, Perelberg, Harris e Birksted-Breen. Para os da segunda linha: Kahn, LeGuen, Mango, Perron-Borelli, Diatkine, Vorcaro e Veras.

Na prática clínica, os primeiros acima considerados defendem a necessidade da disponibilidade do analista em aceitar passivamente que se produza nele uma regressão formal do pensamento, num estado quase-alucinatório, para que a figurabilidade aconteça. Esta disponibilidade não é uma tarefa simples, daí a dificuldade de seu uso na técnica psicanalítica. Para os autores de outra linha, todas as formas de apresentação do paciente vão provocar uma figurabilidade no analista. Ou seja, enquanto os primeiros consideram a figurabilidade um fenômeno excepcional, os outros a consideram uma propriedade geral, comum a todas as formações do inconsciente, trazidas pelo paciente.

Dada a novidade do uso da figurabilidade como recurso técnico da psicanálise, compreendê-la e considerá-la pode favorecer sobremaneira o desenvolvimento do processo analítico, já que muitas vezes ela se constitui como um único meio de se ter acesso à vida psíquica de tantos analisandos que não conseguem chegar à representação do trauma por meio de uma narrativa sequencial de eventos. Os resultados aqui levantados podem ampliar o conhecimento do tema proposto, bem como possibilitar sua integração na prática profissional da clínica psicanalítica. Daí a importância e a real necessidade desta pesquisa para atender a demanda do paciente da atualidade e ao mesmo tempo fazer progredir a técnica psicanalítica.

Além disso, vale ressaltar que os dados analisados revelaram que todos os estudiosos aqui considerados privilegiaram não somente o paciente, mas também o psicanalista em suas próprias produções mentais. Nessa vertente e pela análise, foi verificado que os analistas tendem a usar como termômetro os próprios sentimentos, tentando interpretar o seu papel dentro da situação transferencial (Mota, 2017).

É importante salientar ainda, como parte dessas considerações finais, que tal consideração do analista enquanto coparticipante das duas subjetividades indica uma das possíveis mudanças mais recentes dentro da técnica psicanalítica. Nessa perspectiva, o analista deve fazer de suas *reveries* um ato pré-consciente no sentido de ter uma melhor compreensão da psique do analisando.

Apesar de estimulante e desafiadora, esta pesquisa também encontrou sérias dificuldades. Uma delas diz respeito à exiguidade do material em língua portuguesa. Por

isso, utilizaram-se os artigos em língua francesa, já que foram os franceses que mais se interessaram em estudar o tema, até a presente data.

Por isso, uma sugestão para implementar as pesquisas sobre a figurabilidade é fomentar linhas e grupos de pesquisa que ampliem seu estudo e divulgação no Brasil. Assim será possível ampliar o conhecimento acerca da figurabilidade e cada vez mais enriquecer a literatura científica e contribuir, portanto, para um olhar mais acurado para a prática e pesquisa na clínica psicanalítica.

REFERÊNCIAS

- Ayouch, T. (2012). Genealogia da intersubjetividade e figurabilidade do afeto: Winnicott e Merleau-Ponty. *Revista de Psicologia*, 23 (2). São Paulo: USP, pp. 235-274.
- Aulagnier, P. (1975). *La violence de l'interprétation*. Collectif, PUF.
- Baranger, W. & Baranger, M. (2010). A situação analítica como um campo dinâmico. *Livro anual de psicanálise*, Tomo 24, pp. 187-214. São Paulo: Editora Escuta Ltda. (Trabalho original publicado em 1961-1962)
- Barros, E. M. da Rocha (2007). Botella, Ogden, Green, Ferro, Bion. Comentário à entrevista de César Botella. *Revista Brasileira de Psicanálise*, vol.41, nº1, pp. 33-45.
- Barros, E. M. da Rocha (2015). O processo de aquisição de formas simbólicas e sua relação com aspectos expressivos da mente. In *Diálogos Psicanalíticos Contemporâneos. O representável e o irrepresentável em André Green e Thomas Ogden*. São Paulo: Editora Escuta Ltda.
- Baudry, F. (2015). Working psychoanalytically with nonneurotic patients: theory and technique. *The Psychoanalytic Quarterly*, vol. 84, nº I, pp. 223-235.
- Beetschen, A. (2001). Vers l'éclat nocturne de l'image. *Revue Française de psychanalyse*, (4), vol. 65, pp. 1241-1249.
- Bion, W. H. (1988). *Estudos psicanalíticos revisados (Second Thoughts)*. Rio de Janeiro: Imago.
- Bion, W. H. (2006). *Atenção e interpretação*. Rio de Janeiro: Imago.
- Birksted-Breen, D. (2016). Bi-ocularity, the functioning mind of the psychoanalyst. *The International Journal of Psychoanalysis*, 97, pp. 25-40.
- Bollas, C. (2000). A arquitetura e o inconsciente. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, vol. 3, nº1, pp. 21-46.
- Botella, C. & Botella, S. (2002). *Irrepresentável: mais além da representação*. Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Criação Humana.
- Botella, C. & Botella, S. (2003). Figurabilidade e Regrediência. *Revista de Psicanálise de Porto Alegre*, Volume X, nº 2, pp. 249-341.
- Botella, C. & Botella, S. (2005). *The work of psychic figurability – Mental states without representation*. (Translated by Andrew Weller). London: Routledge.

- Botella, C. (2016). Sobre o recordar: a noção de memória sem recordação. *Livro Anual de Psicanálise*, Tomo XXX-1, pp. 49-75. São Paulo: Editora Escuta Ltda.
- Candi, T. S. (2012). Processo analítico e alteridade na obra de André Green. *Impulso, Piracicaba*, 22 (55), pp. 35-44.
- Carels, N. (2001). Flux et reflux de la convergence. *Revue Française de psychanalyse*, (4), vol. 65, pp. 1263-1273.
- Cassorla, R. M. S. (2003). Procedimentos, colocação em cena da dupla “Enactment” e validação clínica em psicoterapia e psicanálise. *Revista de Psiquiatria do RS*, 25 (3), pp. 426-435.
- Cassorla, R. M. S. (2016). *O psicanalista, o teatro dos sonhos e a clínica do enactment*. São Paulo: Blucher.
- Civitarese, G. (2015). O inconsciente inacessível e a *reverie* como um caminho de figurabilidade. In *Estados não representados e a construção de significado: contribuições clínicas e teóricas*, pp. 215-234. Reino Unido: Karnac Books Ltda.
- Chervet, B. (2001). Les vienes de l’onyx ou les contraentes imposées au ça. *Revue Française de psychanalyse*, (4), vol. 65, pp. 1091-1100.
- Diatkine, G. (2001). Rythme et figurabilité. *Revue Française de psychanalyse*, (4), vol. 65, pp. 1111-1116.
- Ercole, F. F.; Melo, L. S. & Alcoforado, C. L. G. C. (2014). Revisão Integrativa versus Revisão Sistemática. *Revista Mineira de Enfermagem*. 18 (1): 1-260.
- Falcão, L. (2011). Figurabilidade em ato e flash corporal. *Revista Brasileira de Psicanálise*. Vol. 45, nº 4, pp. 91-96.
- Falcão, L. (2016). L’hallucinatoire em séance: une voie pour le devenir du moi inconscient. *Revue française de psychanalyse*. Vol. 81, pp. 1682-1687.
- Fernandes, L. M. (2000). *Úlcera de pressão em pacientes críticos hospitalizados: um revisão integrativa da literatura*. (Dissertação de mestrado), Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, Brasil.
- Fédida, P. (1996). *O sítio do estrangeiro*. São Paulo: Editora Escuta Ltda.
- Ferro, A. Botella, C., Parsons, M. & Ogden, T. (2007 e 2008). O sonhar do psicanalista na sessão La rêverie/reverie du psychanalyste em séance. *Alter – Revista de Estudos Psicanalíticos*, vol. 25 e 26 - nº 1 e 2. SPB, pp. 155-187.
- Freud, S. (1996). Estudos sobre a Histeria. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 2). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1895)

- Freud, S. (1996). Interpretação dos sonhos. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão Trad., Vol. 4 e 5). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900)
- Freud, S. (1996). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 12, pp. 233-246). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1911)
- Freud, S. (1996). Artigos sobre técnica. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 12, pp. 93-108). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1912)
- Freud, S. (1996). Totem e Tabu. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 13, pp. 13-163). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1913)
- Freud, S. (1996). O Inconsciente. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 14, pp. 165-222). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (1996). Os instintos e suas Vicissitudes. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 14, pp.117-146). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (1996). Complementos metapsicológico para a teoria dos sonhos. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 15, pp. 89-229). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1916)
- Freud, S. (1996). Linhas de progresso na terapia psicanalítica. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 17, pp. 171-184). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1918)
- Freud, S. (1996). Além do princípio do prazer. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 18, pp. 13-70). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud, S. (1996). Dois verbetes de enciclopédia. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 18, pp. 251-276). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1922)

- Freud, S. (1996). Novas conferências introdutórias à Psicanálise. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 22, pp.13-154). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1933)
- Freud, S. (1996). Construções em análise. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 23, pp. 275-290). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1937)
- Fulgêncio, L. (2008). O brincar como modelo do método de tratamento psicanalítico. *Revista Brasileira de Psicanálise*, vol. 42, nº 1, pp. 124-136.
- Garcia-Roza, L. A. (2008). *Introdução à metapsicologia freudiana*. (Vol. 1, 2 e 3). Rio de Janeiro: Editora Zahar.
- Green, A. (1995). *Propédeutique. La métapsychologie revisitée*. Seyssel: Champ Vallon.
- Green, A. (1996). Qué tipo de investigación para Psicanálisis? *The newsletter of the International Psychoanalytical Association*, (5), pp. 10-14.
- Green, A. (2001). Que sont les formes? *Revue Française de psychanalyse*, (4), vol. 65, pp. 1121-1127.
- Green, A. (2001). Reculer pour mieux sauter. *Revue Française de psychanalyse*, (4), vol. 65, pp. 1303-1314.
- Grotstein, J. S. (2003). *Quem é o sonhador que sonha o sonho? Um estudo de presenças psíquicas*. Porto Alegre: Editora Artmed.
- Grotstein, J. S. (2010). *Um facho de intensa escuridão: o legado de Wilfred Bion à psicanálise*. Porto Alegre: Editora Artmed.
- Grotstein, J. S. (2017). *No entanto, ao mesmo tempo e em outro nível*. (Vol. 1 e 2). London: Karnac Books Ltda.
- Guillaumin, J. (2001). L'image entre le dedans et le dehors. *Revue Française de psychanalyse*, (4), vol. 65, pp. 1337-1347.
- Hanns, L. (2004). *Freud, S. Obras Psicológicas de Sigmund Freud*. (Vol. 1 – Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente). Rio de Janeiro: Imago.
- Harris, A. (2016). Winnicott and gender madness. *British Journal of Psychotherapy*, 32, nº3, pp. 359-375.
- Ibertis, C. (2017). Figuração e Figurabilidade: no início eram as sensações. *Natureza Humana – Revista Internacional de filosofia e Psicanálise*, vol. 19, nº1.

- Janin, C. (2001). Contenir par le contact, encadrer par l'hallucinatoire. *Revue Française de psychanalyse*, (4), vol. 65, pp. 1251-1261.
- Kahn, L. (2001). L'action de la forme. *Revue Française de psychanalyse*, (4), vol. 65, pp. 983-1056.
- Kahn, L. (2001). L'hallucinatoire, la forme, la référence. *Revue Française de psychanalyse*, (4), vol. 65, pp. 1057-1074.
- Klein, M. (1991). Notas sobre alguns mecanismos esquizoides. In *Inveja e gratidão e outros trabalhos*, pp. 17-43. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1946).
- Lafond, C. (2001). Trans-formation. *Revue Française de psychanalyse*, (4), vol. 65, pp. 1133-1140.
- Laplanche e Pontalis (1998). *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- LeGuen, C. (2001). La figurabilité se fonde sur un vécu et non sur une vision. *Revue Française de psychanalyse*, (4), vol. 65, pp. 1315-1324.
- Levine, H. B. (2012). The colourless canvas: representation, therapeutic, action and the creation of mind. *The International Journal of Psychoanalysis*, 93, pp. 607-629.
- Lisondo, A. B. D. (2010). Rêverie re-vsitado. *Revista Brasileira de Psicanálise*, vol. 44, nº 4, pp. 67-84.
- Macedo, M.M.K.; Werlang, B. S. G. & Dockhorn, C.N.B.F. (2008). A questão da representabilidade. *Psicologia Ciência e Profissão*, v.28 (1), pp. 68-81. Brasília: Conselho Federal de Psicologia.
- Mango, E. G. (2001). La figure et l'incarnation. *Revue Française de psychanalyse*, (4), vol. 65, pp. 1081-1089.
- Meltzer, D. (1967). *The Psycho-analytical Process*. Perthshire: The Clunie Press. Strathlay, Scotland: Clunie.
- Meltzer, D. (1983). *Dream-life: re-examanation of the psycho-analytical theory and techniques*. Strathlay, Scotland: Clunie.
- Moreno, M.M.A. & Coelho Júnior, N. E. (2012). Trauma: o avesso da memória. Rio de Janeiro: *Ágora*, vol.15 n.1, Jan./June, pp. 47-61.
- Mota, R. L. B. (2017). *Berggasse 19: o enquadre freudiano e a técnica contemporânea*. Brasília: Technopolitik.
- Ogden, B. H. & Ogden, T. H. (2013). *Reverie e Interpretação: captando algo humano*. São Paulo: Editora Escuta Ltda.

- Perelberg, R. J. (2015). On excess trauma and helplessness: repetitions and transformations. *The International Journal of Psychoanalysis*, 96, pp. 1453-1476.
- Quinodoz, J. M. (2001). Figurabilité, fantasme inconscient et formes de symbolisation dans les rêves. *Revue Française de psychanalyse*, (4), vol. 65, pp.1337-1378.
- Perelberg, R. J. (2015). On excess trauma and helplessness: repetitions and transformations. *The International Journal of Psychoanalysis*, 96, pp. 1453-1476.
- Perron-Borelli, M. (2001). Images, représentations, fantasmes. *Revue Française de psychanalyse*, (4), vol. 65, pp. 1367-1372.
- Roudinesco, E. & Plon, M.(1998). *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Ed.Zahar.
- Souza, M. T.; M. D. Da Silva & R. de Carvalho (2010). Revisão integrativa: o que é e como fazer. São Paulo: *Einstein*; 8 (1), pp. 102-106.
- Vorcaro, A. & Veras, V. (2008). O brincar como operação de escrita. *Estilos da clínica*. Vol.13, nº 24, pp. 24-39.
- Winnicott, D. W. (1982). *Dependência no cuidado do lactente, no cuidado da criança e na situação analítica*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1963).

ANEXO

Relação dos 33 artigos utilizados na pesquisa.

Artigos retirados da Revista Francesa de Psicanálise (2001):

- Beetschen, A. (2001). Vers l'éclat nocturne de l'image. *RFP*, v.65, pp. 1241-1249.
- Carels, N. (2001). Flux et reflux de la convergence. *RFP*, v.65, pp. 1263-1273.
- Chervet, B. (2001). Les veines de l'onyx ou les contraintes imposées au ça. *RFP*, v.65, pp. 1091-1100.
- Diatkine, G. (2001). Rythme et figurabilité. *RFP*, v.65, pp. 1111-1116.
- Green, A. (2001). Que sont les formes? *RFP*, v.65, pp. 1121-1127.
- Green, A. (2001). Reculer pour mieux sauter. *RFP*, v.65, pp. 1303-1314.
- Guignard, F. (2001). Le sexuel statufié. *RFP*, v.65, pp. 1325-1336.
- Guillaumin, J. (2001). L'image entre le dedans et le dehors. *RFP*, v.65, pp. 1337-1347.
- Janin, C. (2001). Contenir par le contact, en cadrer par l'hallucinoire. *RFP*, v.65, pp. 1251-1261.
- Kahn, L. (2001). L'hallucinoire, la forme, la référence. *RFP*, v.65, pp. 1057-1074.
- Kahn, L. (2001). L'action de la forme. *RFP*, v.65, pp. 983-1056.
- Lafond, C. (2001). TRANS-formation. *RFP*, v.65, pp.1133-1140.
- LeGuen, C. (2001). La figurabilité se fonde sur un vécu et non sur une vision. *RFP*, v.65, pp. 1315-1324.
- Lussier, M. (2001). Cout plaidoyer pour figurabilité. *RFP*, v.65, pp. 1129-1131.
- Mango, E. G. (2001). La figure et l'incarnation. *RFP*, v.65, pp. 1081-1089.
- Perron-Borelli, M. (2001). Images, représentations, fantasmes. *RFP*, v.65, pp. 1367-1372.
- Quinodoz, J. M. (2001). Figurabilité, fantasme inconsciente et formes de symbolisation dans les rêves. *RFP*, v.65, pp. 1373-1378.
- Sechaud, E. (2001). Figurabilité olfactive. *RFP*, v.65, pp. 1141-1145.

Revista Francesa de Psicanálise (2016):

- Falcão, L. (2001). L'hallucinoire en séance: une voie pour le devenir du moi inconscient. *RFP*, v.65, pp. 1682-1687.

Artigos em inglês:

- Baudry, F. (2015). Working psychoanalytically with non neurotic patients: theory and technique. *The Psychoanalytic Quarterly*, vol. XXXIV, nº1, pp. 223-235.
- Birksted-Breen, D. (2016). Bi-ocularity, the functioning mind of the psychoanalyst. *The International Journal of Psychoanalysis*, 97, pp. 25-40.
- Levine, H. B. (2012). The colourless canvas: representation, therapeutic, action and creation of mind. *The International Journal of Psychoanalysis*, 93, pp. 607-629.
- Harris, A. (2016). Winnicott and gender madness. *British Journal of Psychotherapy*, 32, nº 3, pp. 359-375.
- Perelberg, R. J. (2015). On excesso, trauma and helplessness: repetitions and transformations. *The International Journal of Psychoanalysis*, 96, pp. 1453-1476.

Artigos em português:

- Ayouch, T. (2012). Genealogia da intersubjetividade e figurabilidade do afeto: Winnicott e Merleau-Ponty. *Revista de Psicologia, USP*, 23 (2), pp. 235-274.
- Botella, C. e Botella, S. (2003). Figurabilidade e Regrediência. *Revista de Psicanálise de Porto Alegre*, Volume X, nº 2, pp. 249-341.
- Botella, C. (2007). César Botella – Entrevista. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v.41, nº1, pp. 19-29.
- Botella, C. (2016). Sobre o recordar: a noção de memória sem recordação. *Livro Anual de Psicanálise*, Tomo XXX-1, pp. 49-75. São Paulo: Editora Escuta Ltda.
- Candi, T. S. (2012). Processo analítico e alteridade na obra de André Green. *Impulso, Piracicaba*, 22 (55), pp. 35-44.
- Falcão, L. (2011). Figurabilidade em ato e flash corporal. *Revista Brasileira de Psicanálise*. Vol. 45, nº 4, pp. 91-96.
- Lisondo, A. B. D. (2010). Rêverie re-vsitado. *Revista Brasileira de Psicanálise*, vol. 44, nº 4, pp. 67-84.
- Moreno, M.M.A. & Coelho Júnior, N. E. (2012). Trauma: o avesso da memória. Rio de Janeiro: *Ágora*, vol.15 n.1, Jan./June, pp. 47-61.
- Vorcaro, A. & Veras, V. (2008). O brincar como operação de escrita. *Estilos da clínica*. Vol.13, nº 24, pp. 24-39.